



BRASIL AGORA



ANO II Nº 45

16 A 29 DE AGOSTO DE 1993

CR\$ 110,00

RUMORES DE

GOLPE

UM AGOSTO COMO O DIABO GOSTA

Há verdade por trás dos rumores de golpe? Articulações reais? Ou tudo não passa de chantagem visando uma revisão constitucional em favor das elites?

PÁGINAS 5 A 9

CÁRCAMO



RECEITA NÃO CONSEGUE COBRAR IMPOSTO DAS ELITES PÁGINA 4
CARDENAS BALANÇA O SISTEMA UNIPARTIDÁRIO DO MÉXICO PÁGINA 15

O MÊS DO DIABO

Aproveitando o mote bem-humorado *Agosto, o mês que o diabo gosta*, o Brasil Agora procura traçar um perfil do atual momento da crise brasileira. Rumores e articulações golpistas e o uso que vem sendo feito deles para pressionar a sociedade e o Congresso, pelo próprio governo Itamar; o golpe branco da revisão constitucional; maracutaias eleitorais malufistas; e os dilemas políticos do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, que parece preparar um *choque* na economia, mas corre o risco de ser derrotado pelo Congresso, na votação da política salarial. Estes são alguns dos assuntos abordados nesta análise da crise brasileira que, mais uma vez, por coincidência, é claro, se agrava no mês de agosto (páginas 5 a 9).

Destaque-se ainda nesta edição a cobertura realizada pelo jornalista Marco Piva do Fórum de São Paulo, um evento realizado em Havana, Cuba, no final de julho, reunindo mais de cem organizações e partidos de esquerda latino-americanos, com a presença marcante de Lula e do PT. Marco Piva brinda-nos ainda com um instigante perfil do candidato a presidente do México, pelo Partido da Revolução Democrática, Cuauhtemoc Cardenas, que enfrenta o neoliberalismo naquele país, com chances de vencer as próximas eleições, como no Brasil previstas para o ano que vem (páginas 14 e 15).

O EDITOR

DEMORA MUITO

O 8º Encontro Nacional foi muito importante para a reafirmação do caráter do PT. Somos um partido na luta pelo socialismo, que queremos construir no dia-a-dia.

As novas direções, o novo quadro de organização das tendências internas, os desafios de 94... São, realmente, muitas as coisas a nos desafiar e é impressionante o grau de imobilismo do partido. Entre a definição e a prática interpõe-se um longo e demorado caminho.

Várias mobilizações que deveriam ser de massa muitas vezes ficam no nível interno e a sociedade não sabe do PT, a não ser nos momentos eleitorais, quando afirmamos nossa posição. É claro, estamos nos sindicatos (muitos dirigentes com até seis anos de mandatos consecutivos) e nas associações, porém muitas vezes as entidades, imobilizadas, não funcionam, senão às vésperas de eleições ou nos dissídios.

Temos de colocar o PT na rua. O trabalho sobre a discriminação racial, sexual etc pode ser feito, como também as campanhas pela reforma agrária, educação, saúde e a fome. Não vamos construir tudo em 94!

JOSÉ CARLOS STURZA DE MORAES

Pod., RS

IGREJA E PROSTÍBULO

Pô! Bacana o jornal Brasil Agora nº 41. Pensei um pouco antes de adquiri-lo, passei pela primeira banca de revista, entrei na igreja católica de Nossa Senhora do Rosário, ajoelhei aos pés de lótus da virgem, que ia ser festejada pela massa popular, continuei a minha longa marcha, contra o vento e a maré, rumo à faculdade burguesa, demoníaca, bárbara e reacionária, onde estudo (ossos do ofício) e, antes de entrar no prostíbulo, comprei-o finalmente, como nos velhos tempos de ingenuidade que não voltam mais.

A briga do doutor Hélio Bicudo é boa, vou comprá-la também, custe o que custar. Continuando o papel de advogado do diabo, penso que o erro do 8º Encontro do PT foi ignorar o PDT, o único partido que "não teve medo de ser feliz", na campanha do plebiscito.

Gostei das reportagens sobre os livros *Pavilhão 9* e *Execuções sumárias de menores*. Meu mestre espiritual costumava repetir que os livros nos tornam respeitados, e isto é gostoso pacas.

FERNANDO COSTA DE PAULA.

Petrópolis, RJ

ARQUIVADO

Através do requerimento de nº 1.180/93, apresentado em plenária, de autoria do vereador Luiz Araújo, líder do PT na Câmara Municipal de Belém, participo que foi inserido nos anais desta Casa de Leis a matéria intitulada "O Titanic Brasil", do sociólogo Herbet de Souza, publicada pelo Brasil Agora na primeira quinzena de maio.

ORIVALDO PINHEIRO

Vereador, Belém, PA



DIÁLOGO



CHARGE SOBRE FOTO: JOSÉ P. LACERDA

DIRETOR: JOÃO MACHADO. EDITOR: JOSÉ AMÉRICO DIAS. EDITOR DE ARTE: CACO BISOL. REDAÇÃO: ANTONIO MARTINS, FLAVIO AGUIAR, HAMILTON CARDOSO, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. SECRETARIA: ADÉLIA CHAGAS. SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL: LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTONIO SCHUSTER. COPIADOR E REVISÃO: CELSO CRUZ. DIFUSÃO: ELIZABETE D. DA SILVA. EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: FABIANO CIAMBRA, JOTA E SILVIA ROMERO. PRODUÇÃO GRÁFICA: FABIANO CIAMBRA. COLABORADORES: ALAN RODRIGUES, ALIPIO FREIRE, ALCÍO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLIS, CÍNTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, ELIANA ALVES DE MORAES, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAVIA, FLAMARION MAUES, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, FLÁVIO PACHALSKI, GENARO URSO, HÉLIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ ROCHA, JUAN PEZZUTTO, JUAREZ GUIMARÃES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, LUSCAR, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURELIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LUCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JACOBSSON, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADARA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NIEMARIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOLI, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNILLIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAUMUNDO

BRASIL AGORA

PEREIRA, ROGÉRIO SOTTIL, RUI FALCÃO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WILIAM POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011) 222.2865. ADMINISTRAÇÃO: Mª ALICE DE P. SANTOS. ASSISTENTE: IVANILDA ALVES. DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO (COORDENAÇÃO GERAL): MARIA ODETE G. DE CARVALHO E JOSÉ LUIS NADAI, ANA MARIA ALVES (ASSINATURAS), GILBERTO GENESTRA (DIGITAÇÃO). GERENTE DE DESENVOLVIMENTO: PAULO M. SOLDANO. GERENTE DE MARKETING: ÉDER DE ARAÚJO SANTOS. ASSINATURAS: RIO DE JANEIRO: ANA CLÁUDIA F. GONÇALVES (021) 242.0793. FORTALEZA: JOSÉ VITAL (085) 252.1992. PORTO ALEGRE: MOISÉS BALESTRO (051) 221.7733. BELÉM: JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (091) 224.8579. BELO HORIZONTE: ANTONIO BORGES (CEBOLA) (031) 222.3735. FLORIANÓPOLIS: PAULO EDUARDO SOLDANO, ELIZABETH A. BERNARDO (0482) 23.5907. EXPEDIÇÃO: JOÃO A. GUEVARA. SERVIÇOS GERAIS: ELISLANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCIENÉ B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. IMPRESSÃO: DIÁRIO DE MOGI. DISTRIBUIÇÃO: DINAP S/A. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 11 DE AGOSTO DE 1993. JORNALISTA RESPONSÁVEL: JOSÉ AMÉRICO DIAS

O Núcleo Temático de Estudos de O Capital, do PT paulistano, convida para a Plenária sobre Marxismo e Ecologia, no Diretório Municipal, dia 20 de agosto, às 19 horas. A plenária tem a participação de Maurício Waldman, ex-secretário de Meio Ambiente da prefeitura de São Bernardo do Campo, membro da Coordenação Nacional dos Ecologistas do PT e autor do livro *Ecologia e lutas sociais no Brasil*.

PEDAÇO DE TERRA

Sou militante e assino o Brasil Agora, do qual retiro algumas dicas para fazer um folheto para o PT de Itapemirim (ES).

Seguinte: Vivi em Santos e compreí umas terras em Envangelista de Souza (Estrada de Ferro Sorocabana). Depois de algum tempo, comecei a ser incomodado por gente poderosa. Para legalizar a posse, enfrentei uma quadrilha medonha. Fugi para não morrer.

A área, de 15 alqueires, fica a 30 km da Praça da Sé. Existe uma firma fantasma, Serena Empreendimentos Imobiliários, que tem várias placas pela região e se diz proprietária das terras. Quando procurei a tal da firma, só achei um número de telefone certo. Me parece que tem algo a ver com o Olavo Setubal.

Eu, que possuo sangue petista, resolvi encarar uma das turmas. Foi aí que me danei. O Incra, a Polícia Florestal, a Polícia Civil e as repartições públicas estavam todas comprometidas, foi o fim.

Ofereço ao PT a posse das terras. Só que a Receita está me cobrando impostos e o estado não me garante o uso da terra. O lugar é lindo e vale um saco de dinheiro.

FAWTER GARCIA

Itapemirim, ES

PLANO CRUZADO

Na discussão da política salarial, o governo e todos os neoliberais não admitem que os salários se reajustem no mesmo nível da inflação mensal anterior. Por que não estender esta perda para os empresários e gerenciadores dos preços em geral? Seria a forma de conter a subida inercial ou indexada dos preços, que realimenta e eleva os patamares da inflação brasileira. Haveria uma redução na taxa de lucro (especulativo ou não) dos ditadores do preço e, ao mesmo tempo, uma redução da perda dos assalariados. O aumento real dos salários (do poder aquisitivo deles) implicaria o imediato incremento das vendas e, portanto, da escala de produção das empresas, com reflexos antiinflacionários.

Mas o nó górdico da inflação brasileira está no poder econômico, político e publicitário dos setores oligopolísticos, que ditam os preços, e os elevam acima da inflação mensal anterior, vício que os demais formadores de preços prazerosamente incorporaram à sua psicologia cotidiana do salve-se quem puder.

Um choque de congelamento de preços bem que subverteria a "memória inflacionária", que é vício, é esperteza burra e suicida. Para que a contenção de preços funcionasse, seria preciso a mobilização de sindicatos, associações, partidos populares, televisão, rádios, jornais, vizinhos, donas de casa, enfim, do povo organizado, além do governo, evidentemente.

MAURO DE ALBUQUERQUE

Brasília, DF

ERRATA

A ilustração de capa da edição anterior, nº 44, do Brasil Agora é do Maringoni. E a nota Carapuça, publicada pelo Brasil Agora/ETC, foi creditada incorretamente a Valter Pomar: na verdade, trata-se da transcrição de uma nota publicada pela coluna da Joyce Pascovitch, da Folha de S. Paulo.



ASSINE BRASIL AGORA

SE PREFERIR, ASSINE PELO TELEFONE:

LIGUE GRÁTIS 0800-11.1300

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA, Alameda Glete, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP Fones (011) 220.7718/222.6318/222.4326/223.0959

NOME

ENDEREÇO

CIDADE

FONE

UF

CEP

PROFISSÃO

CARTÃO CRÉDITO:

VALIDADE:

Nº

CARTÕES: VISA, CREDICARD E AMERICAN EXPRESS

Assinatura 12 edições CR\$ 1.200,00
Assinatura para o exterior [semestral US\$ 30,00]
Assinatura 25 edições [anual] CR\$ 2.300,00
Assinatura de apoio [anual] CR\$ 3.600,00

RESOLUÇÃO SOBRE CUBA

Brasil Agora publica abaixo a resolução sobre Cuba adotada pelo XIII Congresso Continental da ORIT/CIOSL, realizada nos dias 21 a 23 de abril passado, em Toronto, Canadá. A resolução, aprovada com o voto favorável da CUT, provocou uma polêmica nas páginas de *Brasil Agora*, com artigos de Gilberto Maringoni (BA nº 40), Jair Meneguelli, Durval de Carvalho, Osvaldo Bargas e Luís Antonio Martins (BA nº 43). Miguel Rosseto (BA nº 44) e agora novamente Osvaldo Bargas.

"O XIII Congresso Continental da CIOSL/ORIT, reunido em Toronto, Canadá, de 21 a 23 de abril de 1993, expressa sua profunda preocupação pela ausência de Cuba do Sistema Interamericano e pela crescente deterioração da situação econômica, política e social da ilha. Condena com toda energia a situação em que o regime cubano mantém os trabalhadores e o povo do país irmão, situação que se caracteriza pela falta de liberdade de associação, de pluralismo sindical, agressões à liberdade de expressão e organização e, em particular, ausência de uma democratização aberta e efetiva. Considera que a continuidade do bloqueio decretado contra o país há mais de trinta anos é utilizado pelo governo cubano para justificar sua negativa em comprometer-se com uma abertura política real e para realizar ações repressivas contra setores da dissidência. Sobre esse aspecto, recomenda-se que a CIOSL e a ORIT proponham o levantamento do bloqueio, exigindo ao mesmo tempo um compromisso efetivo e certo do regime cubano com a abertura democrática que garanta o respeito e a observância dos direitos humanos e sindicais. Reitera sua solidariedade com aqueles trabalhadores, trabalhadoras e militantes das organizações de direitos humanos que, no interior da ilha, realizam uma oposição pacífica, com o propósito de impedir o aprofundamento da deterioração, que lesiona fundamentalmente o povo trabalhador, e possibilitar uma transição negociada para a democracia. Rechaça as propostas de intervenção direta que vulneram princípios básicos do Direito Internacional, orientadas para impor a partir do exterior o rumo dos acontecimentos na ilha, e reitera sua convicção de que o estabelecimento de um regime democrático que preserve os avanços sociais do povo e dos trabalhadores é uma responsabilidade que recai fundamentalmente sobre o povo de Cuba. Reitera a resolução do Conselho Executivo da ORIT, celebrado na cidade do Panamá, em outubro de 1990, que indica a necessidade de realizar uma missão CIOSL/ORIT de alto nível para que visite a ilha, o mais breve possível, com o fim de tomar contato e oferecer solidariedade às organizações sindicais cubanas livres e democráticas existentes e aos outros setores comprometidos com a defesa da liberdade, dos direitos humanos e da justiça social."

OPINIÃO
OSVALDO BARGAS *

Solidariedade ao povo cubano

A falsa polêmica que vem sendo travada através do jornal *Brasil Agora* e explorada pela grande imprensa, com relação ao conteúdo e às resoluções do XIII Congresso da ORIT, levantada a partir de interpretações e versões deturpadas dos fatos, por pessoas que não estiveram no congresso e não poderiam ter lido tais resoluções porque elas ainda não haviam sido publicadas, tem contribuído apenas para alimentar o sectarismo de alguns companheiros desavisados e para a promoção de ataques injustificáveis à atuação da CUT. (NR: Bargas refere-se aos artigos do jornalista Gilberto Maringoni e do secretário sindical da CUT, Miguel Rosseto, publicados na edição nº 44 do *Brasil Agora*)

Em vez de buscarmos formas concretas de solidariedade ao povo cubano divulgando a verdadeira posição da Central Única dos Trabalhadores, que em todos os fóruns do movimento sindical nacional e internacional tem condenado o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos e a violação que ele representa à autodeterminação do povo cubano, nos envolvemos nesta "polêmica" que tem o único objetivo de produzir a luta interna às vésperas da 6ª Plenária Nacional da CUT.

Infelizmente algumas correntes políticas estão mais empenhadas em tentar colocar a CUT do lado dos inimigos de Cuba, querendo passar a idéia de que são as únicas defensoras da ilha, num momento em que as grandes dificuldades enfrentadas por aquele povo exigem que somemos esforços de solidariedade concreta, superando a prática dos discursos demagógicos.

Mas é necessário esclarecer o que se passou no Congresso da ORIT com relação à questão cubana, para impedir que as versões deturpadas dos pretensos defensores de Cuba prevaleçam sobre a verdade dos fatos.

AVANÇO. Primeiro é bom lembrar que a CIOSL (Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres) e a ORIT (Organização Regional Interamericana dos Trabalhadores) são organizações sindicais pluralistas que reúnem todas as culturas sindicais representativas existentes no mundo hoje.

A nosso ver, esta é uma de suas qualidades, pois é este pluralismo que estimula o confronto entre as distintas concepções sindicais presentes em seu interior e se reflete no conteúdo das resoluções aprovadas em seus congressos, demonstrando seu caráter democrático.

As resoluções do último Congresso da ORIT refletem essa realidade. A exemplo da resolução sobre Cuba, onde a CUT, juntamente com outras centrais que defendem a condenação do bloqueio, como a CLC/Canadá e a CEOSL/Equador, entre outras, apresentou emendas ao texto básico que alteravam substancialmente o conteúdo original, buscando uma condenação incondicional ao bloqueio. Em função da correlação de forças com outras centrais mais conservadoras, corríamos o risco de ver na plenária a aprovação de um texto que, mesmo defendendo a autodeterminação do povo cubano, não fazia qualquer referência à condenação do embargo econômico.

Diante disso, optamos por uma posição negociada que, apesar de continuar sendo distinta da nossa, representa um avanço considerável, pois condena explicitamente o bloqueio.

Da mesma forma, na recente Conferência Ibero-americana de Cúpula de Chefes de Estado e de Governo, Fidel Castro não ficou só na marcação de posição e assumiu uma resolução que, mesmo não fazendo qualquer menção explícita ao embargo comercial ao seu país, representou um avanço.

NOSSA SOLIDARIEDADE. Não podemos condenar a resolução sobre Cuba aprovada no Congresso da ORIT, apenas por ser distinta da nossa. Devemos encará-la como uma contribuição conjunta da CUT e outras centrais sindicais do campo pro-

gressista para o avanço do movimento sindical internacional, com relação à questão cubana, sem abrir mão da autonomia e das posições assumidas pela CUT.

As resoluções dos congressos da CIOSL e da ORIT não representam, necessariamente, a posição de suas filiadas, que podem ou não adotá-las. A autonomia das centrais filiadas está garantida, não só por constar dos estatutos da CIOSL, mas porque ela se exerce a partir da vontade política de cada central.

A CUT sabe claramente identificar as diferenças entre as resoluções da ORIT e as suas posições. Essas diferenças não estão na condenação à falta de liberdade de organização sindical em Cuba. Mesmo porque o nosso compromisso solidário com o povo cubano não pode ser confundido com o apoio ao regime e ao governo daquele país, contra os quais temos sempre formulado críticas, especialmente quanto à falta de pluralismo político e o não-cumprimento ao respeito aos direitos humanos e sindicais, denunciados pela Anistia Internacional.

O nosso compromisso solidário é com o povo cubano, que soube, através da revolução, dar um exemplo ao mundo ao se libertar da ditadura de Fulgêncio Batista e do imperialismo norte-americano. Portanto, ele deve se traduzir em apoio às saídas para os graves problemas enfrentados pelos cubanos que, na nossa opinião, devem ser buscadas nos marcos do socialismo e da democracia.

Entendemos que a promoção da democracia na ilha é a única forma de permitir o aperfeiçoamento daquela experiência socialista, cujas conquistas sociais são reconhecidas pela comunidade internacional. No penúltimo Congresso da ORIT, realizado na cidade de Caracas, a resolução reconheceu estas conquistas como uma exceção na América Latina.

VERSÕES PARCIAIS. As versões sobre o XIII Congresso da ORIT não se restringem apenas às questões sobre Cuba. Além de omitir outras resoluções importantes, es-

sas versões atribuem à ORIT posições contrárias às que defende sobre temas como o neoliberalismo, os processos de integração econômica, trabalho informal, dívida externa etc.

Com relação ao Haiti, ao contrário do que afirmam essas versões, foi aprovado uma resolução condenando o golpe de Estado que interrompeu a primeira experiência democrática em curso no país. O Congresso decidiu, também, apoiar o embargo econômico decretado pela OEA e pedir uma maior fiscalização da sua aplicação.

Propôs, ainda, a constituição de uma missão civil, OEA-ONU, para fiscalizar e exigir o respeito aos direitos humanos e sindicais no país, e conclamou as organizações filiadas à CIOSL a desenvolver campanhas de solidariedade através de ações concretas e efetivas ao movimento sindical haitiano.

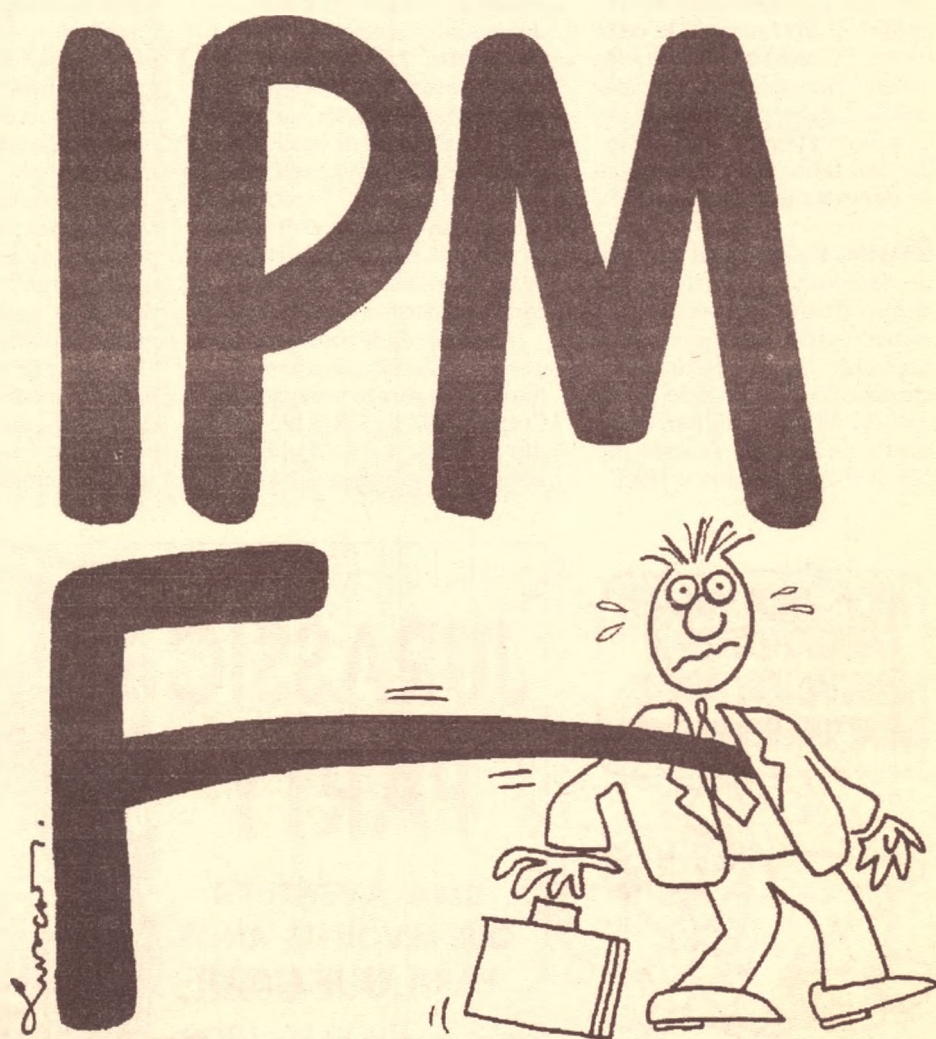
Por sua vez, a condenação das políticas neoliberais e suas consequências para a América Latina contém muito mais pontos de concordância do que divergências com as posições da CUT. Mas como as críticas à ORIT e à CUT não têm nenhum compromisso com a verdade, desejando apenas alimentar a disputa ideológica que historicamente sempre contribuiu para dividir o Movimento Sindical, essas concordâncias são simplesmente escamoteadas.

Acredito que nessa conjuntura cada vez mais difícil, não só para o povo cubano mas também para os trabalhadores brasileiros, seria mais útil se uníssemos nossos esforços na identificação daquilo que contribua para a unidade da CUT e para a busca da superação dos graves problemas que temos que enfrentar.

Por outro lado, a promoção de uma efetiva solidariedade ao povo cubano exige a permanente busca de apoio à luta contra o bloqueio e a superação do sectarismo que tem pautado a atuação dos pretensos defensores do povo cubano.

* OSVALDO BARGAS é secretário de Relações Internacionais da CUT Nacional

As críticas à CIOSL e à CUT não têm compromisso com a verdade, e visam dividir o movimento sindical.



A elite teme a Receita

Empresários temem um órgão manietado durante décadas em benefício da sonegação.

Cabelos grisalhos, gestos irrequietos, tom de voz de quem não abandonou a rebeldia, o auditor da Receita José Fernando Banim inicia a conversa de um modo que poderia parecer insólito. Ele aponta para o mural de feltro fixado sobre a mesa de reuniões de sua sala e se fixa na cópia várias vezes ampliada de um recorte da *Gazeta Mercantil*. O jornal reproduz o depoimento que PC Farias prestou em 21 de junho ao Supremo Tribunal Federal.

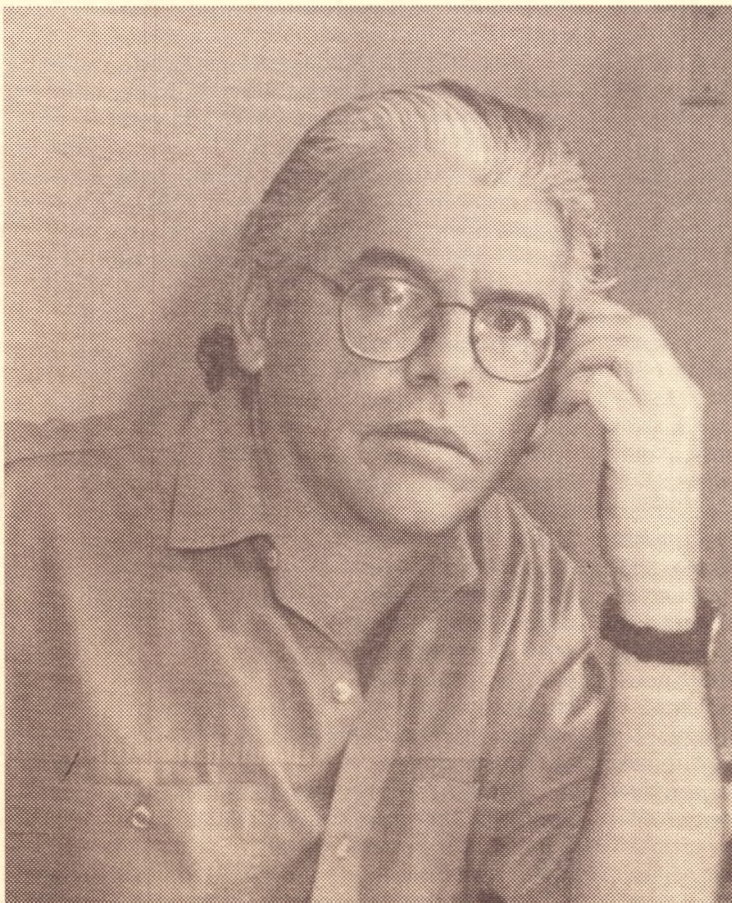
Abrir contas fantasmas, fraudar a lei eleitoral, diz o ex-tesoureiro de Fernando Collor, "são práticas existentes nas campanhas políticas desde a Velha República, e sempre foram feitas por aquelas pessoas que sonegavam impostos". Depois prossegue: a criação de contas fictícias visava livrar os "doadores" - as empresas - do pagamento de impostos.

Funcionário da Receita desde 1984, Banim preside hoje a seção paulista da União Nacional dos Auditores Fiscais do Tesouro Nacional - a Unafisco. Contra a categoria dirige-se nas últimas semanas uma parte dos ressentimentos da direita. Assesores do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, "denunciaram" há dias que "petistas infiltrados na Receita" foram os responsáveis pelo vazamento do "escândalo Pau Brasil". A Receita, insinuou em 8 de agosto o *Globo*, é um dos inúmeros órgãos públicos infiltrados pelo serviço de *arapongagem* que o PT e a CUT armaram para "bisbilhotar as contas de todos os governos e partidos adversários".

"A gritaria é um bom sinal", retruca Banim. Ele prossegue: "As elites estão intranquílias porque começaram a perder o controle de uma máquina reorganizada nas últimas décadas para ser conivente com a sonegação". E arremata: "De certa forma, PC tem razão. Em todos os seus crimes ele teve a cumplicidade dos grandes empresários. Condenar apenas um bode expiatório seria praticar a hipocrisia e preservar a impunidade".

DELFI, O COMEÇO. O relato do desmonte da Receita, que Banim desfia com paciência, começa no tempo em que o hoje deputado Delfim Netto era o ministro econômico todo-poderoso da ditadura militar. Sob a batuta de Delfim, o Estado impôs aos assalariados o IRRF -

MARCO ANTONIO DE MORAES



Banim: gritaria das elites é bom sinal

Imposto de Renda Retido na Fonte - e forçou-os ao pagamento antecipado de tributos.

O procedimento adotado em relação às empresas foi o oposto. Uma ação paciente e multilateral, aponta Banim, reduziu em primeiro lugar, e de forma drástica, o próprio quadro de fiscais da Receita, que poderiam inibir a sonegação. Em 1968, quando o Produto Interno Bruto (PIB) do país mal alcançava os 35 bilhões de dólares, e havia 380 mil empresas instaladas no território nacional, o Tesouro mantinha 12.270 auditores fiscais e funcionários de apoio.

Dezessete anos depois, uma estranha mudança havia se processado. O PIB multiplicou-se por doze, atingiu 450 bilhões de dólares, e o número de empresas pulou para 2,5 milhões. Ao invés de elevar-se para fazer frente às novas necessidades, no entanto, o contingente de auditores e auxiliares *despencou* para 5.450 - menos da metade. Segundo os cálculos da Unafisco, este número permite, em média, que cada empresa receba a visita de um fiscal da Receita a cada 45 anos...

A impunidade passou a basear-se também na estranha garantia de sigilo para os sonegadores. O artigo 197 da Lei 5.172, uma das que rege a ação da Receita, assegura que dirigentes e funcio-

nários de bancos e empresas estão isentos de prestar informações ao fisco sempre que "o informante esteja legalmente obrigado a observar sigilo em razão de cargo, ofício, função, ministério, atividade ou profissão".

PROTEÇÃO AOS SONEGADORES.

O artigo seguinte é ainda mais rigoroso na proteção dos direitos... *dos sonegadores*. Estabelece que "é vedada a divulgação, para qualquer fim, por parte da Fazenda pública, de qualquer informação sobre a situação econômica ou financeira" das empresas auditadas. "É evidente", raciocina Banim, "que a divulgação dos nomes de empresas que comprovadamente sonegam constrange novas lesões ao Fisco". Ao assegurar o sigilo, portanto, a lei "poupa o sonegador, ao mesmo tempo em que lesa o Tesouro e os trabalhadores, que não podem escapar dos impostos".

Os teóricos liberais asseguram que na ausência de tais dispositivos estariam criadas condições para autênticos achques contra as empresas. Os fatos parecem não lhes dar razão. No Canadá, por exemplo, lembra Banim, "a contabilidade de todas as grandes empresas está permanentemente ligada *on line* aos computadores da Receita.

Estão preservados contra a sonegação os direitos do Estado, e nem por isso há sinais de assaltos contra as empresas".

Um outro instrumento legal para poupar as empresas que fraudam o fisco chega a ser ridículo. Ao contrário do que ocorre em boa parte dos países, o *crédito tributário* - direito do Estado reclamar os impostos não pagos - esgota-se em apenas cinco anos. A precariedade da estrutura da Receita, e a demora da Justiça em dirimir pendências, acabam levando boa parte das disputas a se resolverem por decurso de prazo - e sempre em benefício do sonegador - antes do julgamento final.

Uma série tão fantástica de concessões acabou transformando o Brasil num paraíso dos que não pagam impostos. Uma tabela elaborada pelo próprio Ministério da Fazenda, mostra que, para cada cruzeiro recolhido regularmente aos cofres públicos, CR\$ 1,20 são *sonegados*. Evidentemente, mostra ainda a tabela, os impostos em que a fraude é maior são aqueles cujo pagamento cabe diretamente às empresas: *Cofins* (CR\$ 2,40 sonegados para cada cruzeiro recolhido), *IOF sobre Seguros* (4,60 por 1) e *PIS-Pasep* (1,30 por 1).

REVERSÃO. A partir dos últimos anos, destaca Banim, um conjunto de pequenos fatos criou condições para começar a reverter o quadro. Em dezembro de 90 a Lei 8.137 (que define os crimes contra a Ordem Tributária) estabeleceu penas de dois a cinco anos de prisão para crimes como a emissão ou recepção de notas frias, omissão de informações ou descumprimento de exigências impostas por autoridades fiscais no processo de fiscalização. Abria-se uma brecha para apanhar os fraudadores, e para desestimular outros empresários a seguir os seus exemplos.

Sintomaticamente, foi somente através da própria Lei 8.137 que a Justiça Federal reuniu condições para decretar a prisão de PC Farias e alguns de seus cúmplices. É ainda esta lei que poderá, se houver disposição para tanto, ajudar a punir exemplarmente tanto os que organizaram "esquemas" ilegais de arrecadação de fundos para campanhas políticas quanto os empresários que fizeram "doações" ilegais para as "caixinhas".

Pouco mais tarde, alguns episódios marcantes contribui-

riam para criar a sensação de que a impunidade eterna das grandes empresas poderia chegar ao fim. Entre 7 e 11 de junho de 92, auditores da Receita trabalharam exaustivamente em escritórios de empresas de PC Farias em Maceió e São Paulo e apreenderam documentos e disquetes que além de permitir enquadrá-lo por sonegação de impostos seriam fundamentais para esclarecer boa parte dos atos ilegais praticados pelo "esquema PC" e para defenestrar o ex-presidente Fernando Collor. A pressão incessante da sociedade e do próprio corpo de funcionários da Receita assegurou, lembra Banim, que as investigações sobre o caso prosseguissem sem interferências, num processo que terminaria levando ao *impeachment* do próprio chefe do governo.

O FATOR OSIRIS. Segundo Banim, um outro fator importante foi a nomeação, no final de maio, do atual secretário da Receita, Osiris Lopes Silva. Indicado pelo presidente da República sem interferência dos interesses políticos e econômicos que normalmente se associam para preservar a sonegação, Osiris tem desenvolvido até o momento, considera o presidente da Unafisco, uma atuação eficiente. Agindo em conjunto com a Procuradoria Geral da República, pediu a prisão de sonegadores (PC em primeiro lugar). Um dos efeitos imediatos foi a elevação nítida do número de empresas que passaram a procurar a Receita para regularizar antigas dívidas. Outro foi a localização, em fins de junho, das pistas que permitiriam desmascarar o "esquema Pau Brasil".

Boa para o Tesouro, ainda melhor para constranger os políticos conservadores e as empresas acostumadas às práticas de manipulação eleitoral, a ação da Receita é vista no entanto com desconfiança e desgosto extremos pelas elites. No início de agosto, todos os grandes jornais continuavam dando destaque incomum, e tratamento editorial favorável, para as "acusações" de *O Globo* e de assessores de Maluf, segundo as quais estava em curso um movimento de "deduração" que tinha como centro um suposto "SNI do PT", e estava prestes a lançar uma espécie de *terror jacobino* contra os empresários.

ANTÔNIO MARTINS



JURASSIC PARTY

UMA AVENTURA QUE LEVOU 13 ANOS PARA SE REALIZAR



ASSINE LINHA DIRETA

- Assinatura semestral (24 edições) CR\$ 740,00
- Assinatura anual CR\$ 1.400,00
- Assinatura de apoio CR\$ 1.700,00

Basta enviar ao PT/SP cheque nominal ao Linha Direta

Rua Conselheiro Nébias, 1052 CEP 01203-002 Fone (011)223.7999

NOME

ENDEREÇO

CIDADE

FONE

UF

CEP

MÊS DE DESGOSTO

GOSTO

COMO O DIABO GOSTA

A Rede Globo lança em breve o seriado Agosto, baseado no livro homônimo de Rubem Fonseca. Ao mesmo tempo, o Brasil retoma o seriado das crises de agosto: conversas do golpe se articulam com batalhas legais sobre salários, e com o fantasma da corrupção (a impunidade de PC), numa receita que já teve passado em nossa embolada história. Terá futuro?

CÁRCAMO



Como se não bastasse Getúlio, foi num mês de agosto que morreu Carmem Miranda, em 1955. Foi também num mês de agosto que Tostão anunciou abandonar o futebol, devido a problemas na retina. E não se tem prova, mas com certeza foi num dia de agosto que Carlos Alberto Parreira teve a idéia de ser técnico da seleção brasileira de futebol.

Jânio renunciou em agosto, e foi preciso que a Rede da Legalidade resistisse até setembro para que João Goulart tomasse posse. O Golpe Militar de 64 eclodiu em abril - mas apenas devido ao comício da Central do Brasil, dia 13 de março, e à precipitação do general Mourão, em Minas

Gerais. Se dependesse de seus estrategistas, como Golbery, o golpe viria mais tarde. Talvez em agosto.

Agosto de 1993 entrou com ameaças de golpe no ar, e passará à história como o mês em que o reitor da Universidade de São Paulo renunciou. Uma coisa, em todo caso, é certa: o agosto de hoje prepara o de amanhã. Algo sucederá em agosto de 1994, e tem raiz neste de 1993. Os que forem brasileiros e brasileiras que me sigam até lá. É crer para ver.

Na verdade, a taxa inflacionária de agosto é igual a de outros meses brasileiros. Nem mesmo fatos terríveis, como o incêndio da boate do Hotel Vogue, em 1955, no Rio, onde cantavam os figurões da época,

justificam por si só uma estatística maligna a favor de agosto.

LACERDA NO DIVÃ. Mas faça a fama e deite-se na cama: agosto, na tradição populista brasileira, ficou como o mês das crises políticas e o mês da grande crise política, que foi a de 1954, culminando com o suicídio do presidente no dia 24. Há uma certa lógica nesta expectativa em torno de agosto. Em agosto de 1954 explode o mar de lama na imprensa e o atentado contra Lacerda. Em agosto de 1955, Lacerda e a UDN tramam o escândalo da "Carta Brandi", uma carta forjada que acusava João Goulart de estar comprando armas na Argentina para criar a "repú-

blica sindical". O objetivo era impedir a posse de Juscelino, e foi preciso o marechal Lott segurar a barra para garantir (neste episódio, vejam que curioso, Lacerda acabou se asilando na embaixada de Cuba...) Em agosto de 1956, Lacerda e a UDN denunciam o "escândalo do pinho", com acusações contra o governo, para variar, sobre corrupção em compra de madeira. É em agosto de 1961 que Lacerda e a UDN dão mostras definitivas de caminharem para a oposição a Jânio - levando-o à renúncia. Talvez uma psicanálise no sr. Lacerda nos ajudasse a compreender o significado de agosto no Brasil.

UMA BOA CRISE. Em geral insuflada pelo golpismo udenista - precisava de ingredientes fortes para se instalar. E isso demandava tempo, dinheiro, páginas de jornal e discursos na Câmara e Senado. Em geral elas começavam a se armar, como uma onda, durante o mês de maio, quando esquentavam grandes campanhas salariais nacionais. O objetivo era a retomada do controle sobre um governo que viam "em desvio à esquerda". No segundo semestre as campanhas salariais recrudesciam, e o discurso da direita procurou pescá-las como fator de crise. Agora, se a crise não estivesse perfeitamente instalada até agosto, ela não tinha mais tempo de se instalar *naquele ano*, porque de setembro/outubro em diante ultimavam-se os orçamentos, entrava-se em eleições, avizinhava-se o recesso, enfim, o papo mudava. Agosto era o prazo para a crise desenhar-se. Sem isso, o discurso golpista tinha de esperar o ano que vem.

O agosto de 1954 começou a se desenhar em 1953, com o desfecho da campanha pela criação da Petrobrás, que se consumou em outubro - coisa que levou a esquerda à cadeia e a direita ao paroxismo do descontentamento, Lacerda à frente. Entenda-se: a direita brasileira - com o apoio de importantes setores militares - participava então da gestão da política da guerra fria. Mas outubro era tarde para uma crise. Foi necessário esperar o próximo ano. Em maio, o paroxismo da direita transformou-se em ataque apoplético, com o reajuste de 100% dado pelo governo (sobretudo pela "guinada à esquerda" do próprio Getúlio) ao salário-mínimo, no 1º de maio.

COISAS DA VIDA. As baterias da imprensa de então se direcionavam apenas contra a corrupção do Palácio do Catete, ignorando a dos outros, e a crise foi se avolumando. Aparentemente dois fatores não entraram nos cálculos dos corifeus da crise: a violência da reação por parte de membros da guarda pessoal de Vargas, que provavelmente tiveram interesses atingidos, o que levou ao atentado contra Lacerda e ao assassinato do Major Vaz, e a subsequente decisão de suicídio, tomada pelo presidente ao ser deposto, e que deu uma espécie de coerência trágica a uma existência cheia de indecisões e incoerências, embora recheada de habilidade política e força de estadista - moedas hoje miseravelmente raras. O suicídio de Vargas - a quem, no fim, não se conseguiu imputar nada, nessa crise - fez-nos entrar no mundo da guerra fria pelo mês de agosto. Foi uma certidão de batismo, e a reação popular retardou o golpe por dez anos. No dia 25 de agosto, Café Filho nomeava Eugênio Gudin, depois substituído interinamente por Gouveia de Bulhões, para o cargo de ministro da Fazenda. Mas os monetaristas dessa estirpe ainda teriam de esperar mais dez anos para reinar, o que conseguiram apenas a partir do golpe de 64.

SEMELHANÇA. Desde então eles deram substancial contribuição, ainda com Roberto Campos, Delfim, Simonsen e outros, para fazer deste país a caca que ele é hoje, aberta aos Collors da vida. Hoje, para retomar o controle da situação, o Ministério da Fazenda parece ir ao encontro desse fio das crises do passado, pois passou boa parte do primeiro semestre e do início do segundo vociferando contra a "ameaça dos salários", confronto com o reajuste de 100% (mensais, devido à inflação). Agora as conversas de corredor murmuram ameaças de golpe... Vem crise, não vem crise... Agosto está como o diabo gosta. Mas a guerra fria acabou e a oficialidade está mais perplexa do que afiada. Neste novo quadro, pode-se chegar a resultados inesperados, que não estão nos planos de ninguém. A montanha tanto pode parir camundongos como tanques, ou, quem sabe, ir a Maomé, mudando a história das crises...

O AGOSTO DE AGOSTO

A Globo vai pôr no ar a esperada minissérie Agosto, enquanto a Cia. das Letras relança o livro de Rubem Fonseca em formato de bolso (*pocket book*, para os pós-modernos). O livro de Rubem retoma os grandes temas do contista/romancista da violência neobarroca da ex-cidade maravilhosa: o investigador estóico, incorruptível e ulcerado, a ética do crime numa sociedade sem ética, a sociedade como único sentimento coerente numa sociedade sem tutano nem identidade, a passividade violenta das mulheres, a homossexualidade como busca de narcisismo num mundo sem reconhecimentos. Esses temas da ficção de Rubem são agora jogados contra um mosaico histórico de reconstituição dos últimos dias do governo Vargas, em 1954, que funciona como uma "peça dentro da peça", criando um paralelismo grotesco entre a fúria da investigação antivarguista a partir do atentado na Rua Toneleros (onde era a casa de

Lacerda) e a precariedade da investigação levada a cabo pelo inspetor a propósito de um crime ocorrido num edifício grã-fino da zona sul. No romance, Rubem mostra suas qualidades tradicionais: vigor nos diálogos, melhores momentos nas descrições secas e descarnadas da perplexidade de seus personagens diante de um mundo avesso a qualquer racionalidade. Ponto frágil: um excesso de reconstituição vocabular dos anos 50, nas citações de nomes de loja, produtos farmacêuticos e tiques daqueles "bons tempos", o que recobre a prosa do escritor com uma camada fina de pó-de-arroz que não lhe convém, por não ser o seu gênero. Isso não deslustra o livro, que permanece uma leitura vigorosa e interessante, especialmente à medida que o enredo avança e as engrenagens das investigações se misturam. Esperemos que a Globo consiga ser fiel ao melhor do livro.

F.A.

FLÁVIO AGUIAR

RUMORES GOLPISTAS

COMO O DIABO GOSTA

QUE EXISTE, EXISTE

De olho na revisão, elites fazem chantagem com a ameaça de golpe.



Não se sabe quem começou o coro, mas agora já virou ladainha: todo dia, algum figurão alerta o país para os riscos de uma "ruptura institucional". Como disse o ex-collorido Antonio Kandir, "há algum tempo o fantasma de uma recaída autoritária passou a frequentar a cena política brasileira. Não se sabe a cara que ele tem, nem o modo pelo qual poderá vir a revelar sua identidade ao agir abertamente. Mas o fato é que, hoje, a nenhum brasileiro bem informado passa despercebida essa incômoda presença".

Incômoda mesmo. Começamos pelas declarações do capitão Jair Bolsonaro, deputado federal, propondo o fechamento do Congresso. Passemos pelo artigo de Luís Nassif, articulista da *Folha de S. Paulo*, dizendo que não é possível governar com as atuais "regras do jogo" e propondo que o Congresso dê uma carta branca de 60 dias para o "primeiro-ministro" (leia-se FHC) tomar medidas draconianas. Sigamos então para Jarbas Passarinho, que declarou à imprensa que o senador José Sarney teria sido convidado para participar de um golpe. Prossigamos com o lamento do ministro FHC: "Poucos entendem que nós estamos tentando salvar a democracia. Sem ajuste fiscal não haverá eleição em 1994". E concluamos com o presidente da República, que teria dito (segundo um amigo desmentido pelo próprio Itamar) que temia que o "arrastão social" prejudicasse as eleições de 94.

A declaração mereceu um duro editorial do *Estadão*: "Estranha, para dizer o menos, que no momento em que o nome próprio do presidente do Peru se transformou em verbo, quando não substantivo, o chefe do Estado brasileiro venha a acenar com a possibilidade de desordem institucional, com base numa crise social profunda". E conclui: "Quando o chefe de Estado faz saber que as eleições podem

não se realizar, alguma coisa está voando no ar, além dos aviões de carreira. Ou não é para pensar coisas que tais?"

PURA CHANTAGEM. Não é por acaso que os rumores se intensificaram depois da Câmara aprovar o reajuste mensal de 100% da inflação. Nem é coincidência que se diga que a "última chance" da democracia está na realização da revisão constitucional. Como disse o *Jornal da Tarde*: "Está aí, na reforma da Constituição, a última oportunidade que o país terá de se libertar dos nós que o mantém amarrado ao subdesenvolvimento e à miséria dentro da ordem democrática e do Estado de Direito".

Trata-se de uma chantagem perigosa. Como *exagerou* Octávio Melo Alvarenga, presidente da Sociedade Nacional da Agricultura, "o Brasil está chocando o ovo da serpente totalitária. O período do choco está chegando ao final. O clima das cidades está tal e qual quando Hitler foi surgindo na Alemanha: a pequena burguesia, levada ao desespero pela inflação, dividida em complexos de derrota, começou a financiar grupos paramilitares. Eram os mesmos ingredientes de hoje". Na outra ponta, completa Gildo Marçal Brandão, na *Carta Política*, "todos conspiram contra todos - o que denuncia a falta de unidade das classes dominantes e o acirramento do confronto entre as elites. O tempo pode vir a ser bom para uma solução cesarista".

Esse caldo - uma crise so-

cial intensa, uma classe dominante nem um pouco disposta a ceder, sem projeto de longo prazo para o país, sem unidade em torno de um candidato para as próximas eleições, em polêmica com seus representantes políticos, que estão em guerra uns com outros (vide polêmica entre Ciro Gomes e Sarney, as denúncias contra Maluf/Pau Brasil etc.), e a possibilidade de que Lula vença as eleições -, tira o sono das elites. E estimula delírios golpistas.

Um golpe militar não parece provável... por enquanto. Apesar de Bolsonaro, apesar da anunciada candidatura presidencial do tenente-brigadeiro da reserva Ivan Frola, apesar do encontro Sarney/Figueiredo/Geisel durante a missa em homenagem ao ditador Castello Branco, apesar dos 86 anos de Geisel terem sido comemorados em 3 de agosto com a presença de vários e suspeitos amigos... apesar disso tudo não parece haver vontade e força suficiente para tentar um golpe, seja para fazê-lo vitorioso. Quem diz é o senador Jarbas Passarinho: "Não se tome a nuvem por Juno: faltam causas decisivas para um golpe de Estado, hoje".

Mais provocador, o ex-nada a declarar Armando Falcão publicou em vários e importantes jornais do país um artigo em que pergunta: "Vem o golpe, não vem o golpe? Honestamente, ninguém pode jurar que sim, nem jurar que não. Num país chamado Brasil, não é coisa relativa-

mente difícil pôr abaixo, pela ação direta, o supremo detentor do poder, que hoje exhibe a faixa presidencial atravessada no peito".

BRUXAS EXISTEM. Por detrás dos rumores, há um golpe real em marcha: a revisão constitucional, que as elites querem que aconteça a partir de 6 de outubro.

Como diz Ricardo Setti, diretor da Editora Abril: "A revisão constitucional é uma das derradeiras chances que temos de, revertido esse carnaval enlouquecido, evitar o pior".

Esse é o jogo: uma gritaria histérica sobre golpe, para forçar a realização de uma revisão constitucional a toque de caixa, para viabilizar as medidas que as elites julgam salvadoras da pátria. Através da revisão, alguns querem acelerar as privatizações. Outros, ampliar o espaço de atuação do capital estrangeiro. Vários pretendem reduzir a carga tributária sobre o capital. E muitos desejam mudar as regras do jogo político (circulam propostas de acabar com os dois turnos e permitir a reeleição para os executivos).

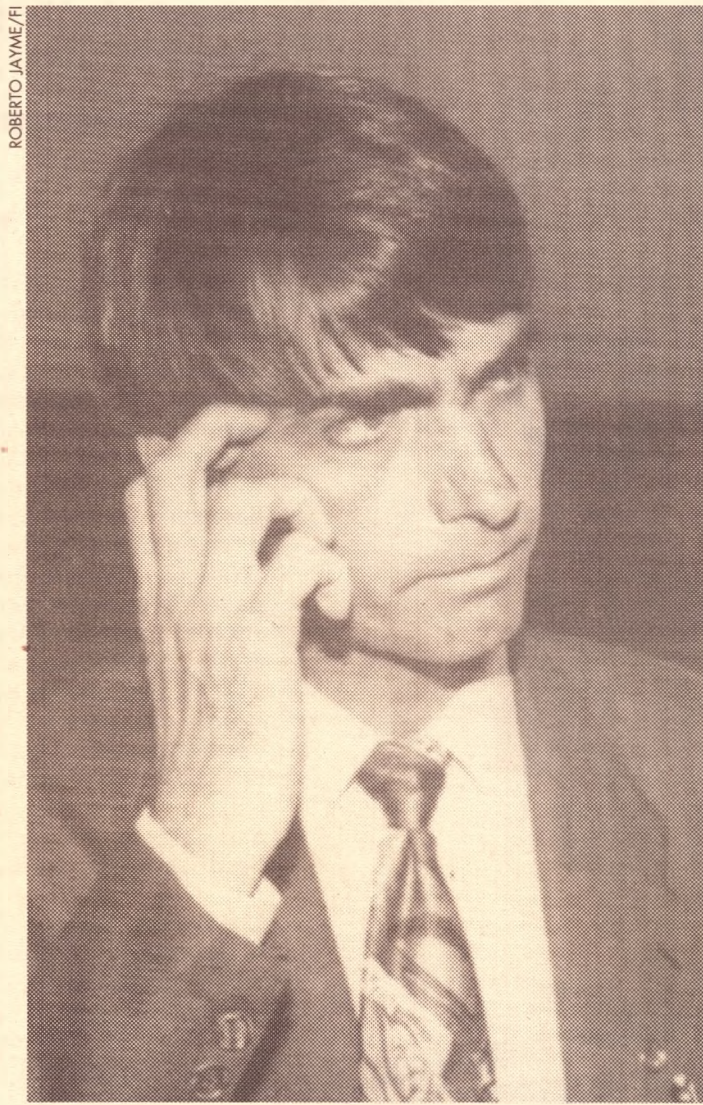
SEM GARANTIA. Os estrategistas da elite temem que os congressistas, sob pressão da opinião pública e das eleições, votem de acordo com interesses "populistas e xenófobos". Temem também uma revisão em meio à campanha eleitoral.

É por isso que o deputado Nelson Jobim propõe uma revisão realizada a toque de caixa, com regras rígidas e com prazo fixo para terminar - no mínimo 31 de dezembro de 93, no máximo 28 de fevereiro de 94. É por isso também que o PMDB, o PSDB, o PFL, o PPR, o PP, o PL, o PRN - partidos que junto reúnem cerca de 450 dos 583 congressistas - têm buscado costurar um acordo sobre o que deve ser submetido à revisão.

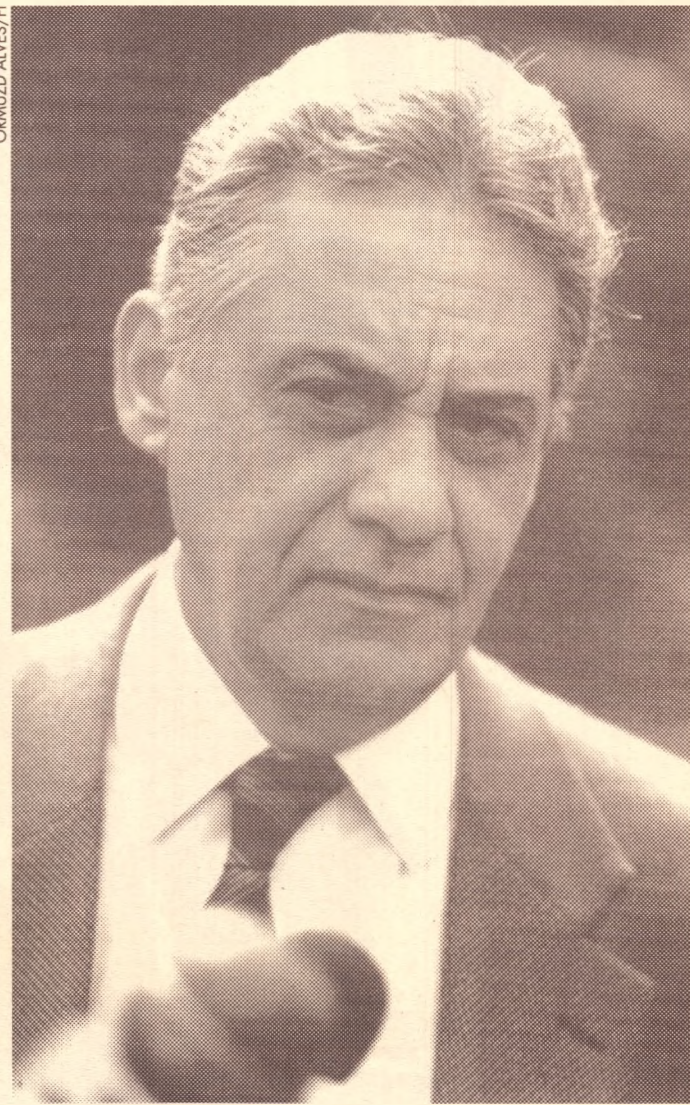
Mesmo que esse "bloco" se constitua, e decida sem traumas a quem caberá presidir a revisão - Humberto Lucena, presidente do Senado, Inocêncio de Oliveira, presidente da Câmara, ou algum congressista (o mais cotado é o deputado Ibsen Pinheiro) eleito pelo plenário unicameral -, ainda assim não é garantido que a revisão aconteça.

Ocorre que as entidades contrárias à revisão estão intensificando sua mobilização. No dia 18, às 14h, na sede da OAB, em Brasília, haverá uma Reunião Nacional das Entidades contra a Revisão e, no dia 19, um ato em frente ao Congresso. É a capacidade de mobilização dessas entidades que determinará a realização ou não da revisão. Se elas não tiverem sucesso, então o país assistirá a mais um golpe, dado por um Congresso em fim de mandato, derrotado num plebiscito popular, mas que se arroga o direito de decidir sobre assuntos que caberiam, de direito, ao voto popular de 1994.

VALTER POMAR



ROBERTO JAYME/FI



ORMUZD ALVES/FI

Bolsonaro, à esquerda, pede o golpe. FHC, à direita, é mais sutil: defende a revisão constitucional



MARACUTAIAS

GOSTO COMO O DIABO GOSTA



CONIVÊNCIA DESASTROSA

Maluf consegue ser mais eficiente que a dupla Collor-PC: justiça e imprensa afrouxam o cerco sobre ele.



Maluf: muita gente com o rabo preso

sas ligadas à Pau Brasil, comprovando que pelo menos 45 políticos, de diversos estados e partidos, haviam-se beneficiado das "caixinhas" eleitorais montadas por João Carlos Martins. Entre eles estaria um grande número de candidatos a prefeito, vereador e deputado lançados pelo PPR. Mas a relação incluiria, ao mesmo tempo, "liberais" festejados nacionalmente, como os deputados Roberto Campos (RJ) e João Mellão (PL-SP); um dirigente histórico do PTB (Gastone Righi) e a musa do movimento "Decola Brasil", a empresária Ruth Escobar.

Os documentos da *Folha* não haviam sido obtidos junto à Receita, revelaram no mesmo dia os procuradores da República que apuram o caso. Quem, então, os teria feito chegar ao jornal?

ORLANDO AVES / FOLHA IMAGEM

CONGRESSO
WALBER GARCIA

Em discurso proferido na Câmara dos Deputados, o deputado Aldo Rebelo (PCdoB-SP) fez duras críticas ao projeto de regimento para a revisão constitucional, de autoria do deputado Nelson Jobim e apresentado como proposta preliminar dos líderes dos partidos de centro e da direita.

O grupo em torno de Jobim foi formado por Pimenta da Veiga, Jorge Bornhausen, Ibsen e Genebaldo. Faziam parte dele, extra-oficialmente, Genoíno e Miro Teixeira. Por iniciativa de Inocêncio de Oliveira, o grupo foi ampliado com a participação de representantes de todos os oitos partidos que no Congresso defendem a revisão em 93.

A idéia deste grupo é limitar a revisão a alguns temas considerados importantes pelas elites (tributação, ordem econômica, reforma eleitoral e do sistema presidencialista), construindo mecanismos que centralizem a votação em torno destas matérias, deixando questões consideradas secundárias ou eminentemente polêmicas, como direitos sociais (onde as elites não têm maioria assegurada), para depois ou para nunca mais.

Para isto, os principais instrumentos regimentais propostos são: primeiro, a limitação do prazo para a realização da revisão, com propostas variando entre 90 e 180 dias; segundo, a possibilidade da maioria dos líderes estabelecerem a pauta de votação das matérias de acordo com sua prioridade e não pela ordem dos dispositivos da Constituição; e terceiro, os exíguos prazos de discussão e apresentação das emendas e a inexistência de comissões temáticas.

Entre o final de julho e a primeira semana de agosto, o que era uma suspeita grave transformou-se em certeza eloqüente. Um conjunto de investigações desencadeadas por órgãos insuspeitos como a Receita Federal e a Procuradoria Geral da República revelou que o "esquema Pau Brasil", articulado pelos correligionários de Paulo Maluf para arrecadar as "caixinhas" responsáveis por suas campanhas eleitorais, pode ter-se envolvido simultaneamente em crimes de manipulação eleitoral, sonegação de impostos e tráfico de influências. Para assombro dos que acompanharam o caso com atenção, no entanto, surgiram também sinais de que tanto a Justiça quanto parte significativa dos grandes jornais tendem a ceder diante da ofensiva que o próprio Maluf e seus seguidores desencadeiam para que nada seja apurado até o fim.

PROVAS. A partir do final de julho, os auditores da Receita Federal e os procuradores da República que trabalham no "caso Pau Brasil" levantaram, em primeiro lugar, sinais indimentáveis sobre as ligações entre as empresas envolvidas no "esquema" (já são cinco: a própria Pau Brasil Engenharia e Projetos e mais as "empreiteiras" L Ce Entersa; a Williana, que exporta móveis para Miami; e a Nova Lorena Mineração) e auxiliares diretos de Maluf.

No dia 27, por exemplo, o exame dos documentos e disquetes encontrados em junho na "blitz" da Receita contra a Pau Brasil acabou revelando que o publicitário Duda Mendonça, que coordenou as duas últimas campanhas de Maluf, recebeu pagamentos do "esquema". Dois dias depois, os auditores localizaram, num livro intitulado "Movimento de Campanha" e apreendido na mesma operação, registros do pagamento, em julho de 1991, de nada menos que 133 milhões de dólares a Flávio Maluf, filho e

secretário das campanhas do pai. As investigações da Receita e da Procuradoria acabariam revelando, em segundo lugar, novos e ainda mais claros sinais de que o "esquema Pau Brasil" pode ter passado da arrecadação ilegal de doações de empresas a Maluf ao tráfico de influências, praticado tão logo o malufismo chegou ao poder em São Paulo.

A primeira suspeita diz respeito à Cia. Siderúrgica Paulista (Cosipa). Dias 27 e 28 foram encontrados, entre os documentos apreendidos na Pau Brasil, folhas de papel timbrado da estatal, e um curioso livro contábil denominado "Empresas que devem ser pagas pela Cosipa". No dia 29, garantiu o Estado de S. Paulo, os auditores da Receita pareciam concluir, com base nesses documentos, que a Pau Brasil pode ter intermediado negócios entre a estatal e alguns de seus credores interessados em receber mais rapidamente os respectivos pagamentos. Em troca do "serviço", a empresa do pianista João Carlos Martins receberia parcelas dos valores antecipados, a título de "comissão".

MESMA TURMA. Os indícios de tráfico de influências logo se estenderiam à própria prefeitura paulistana. No dia 26, os auditores chegaram à conclusão que, segundo revelava a papelada apreendida na Pau Brasil, a empresa teria recebido

do contribuições polpudas de pelo menos três empreiteiras: Andrade Gutierrez, Schaim Couri e CBPO - todas, por sinal, comprometidas também no "Collorgate".

Já em 1º de agosto, o vereador por São Paulo Arselino Tatto (PT) denunciaria a suspeitíssima condução de um sócio de João Carlos Martins a um cargo estratégico na Secretaria de Vias Públicas da cidade.

O implicado era Rubens Kaufmann. No início da campanha eleitoral de 92, revelou Tatto, com base em dados que disse terem sido fornecidos por empreiteiros, que ele coordenava reuniões na Pau Brasil com construtoras que se dispunham a fazer "doações" à "caixinha" malufista. Tão logo Maluf assumiu a prefeitura, Kaufmann passou a assessorar o secretário de Vias Públicas, Reynaldo de Barros, precisamente no setor que cuidava das concorrências públicas. Sintomaticamente, abandonou as funções e desapareceu da prefeitura tão logo as denúncias vieram à luz.

OS BENEFICIADOS. No dia 9 surgiram, por fim, novas e graves revelações, que pareciam igualar ainda mais os esquemas de corrupção eleitoral de Fernando Collor e Paulo Maluf. A *Folha de S. Paulo* garantia que havia tido acesso a documentos das empre-

portamento adotado na mesma época pela Justiça e pela parte majoritária da imprensa, não devia ser excluída a hipótese de que houvessem sido revelados pelo próprio malufismo. Nessa hipótese, eles ajudariam a concretizar uma tática ousada e, como já alertou *Brasil Agora* em sua última edição, muito semelhante à que PC Farias adota para não cair sozinho.

E A JUSTIÇA? Maluf poderia estar querendo comprometer um número significativo de correligionários, e avisar que sua desgraça implicaria também o naufrágio de figuras muito destacadas do mundo político conservador.

Não era de estranhar que agisse assim alguém com sua tradição. O que passou a causar espanto crescente foram movimentos como o do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Em 8 de agosto, aquela corte decidiu, através de ato do corregedor regional eleitoral, Ney Almada, arquivar a representação do deputado José Dirceu (PT-SP) pedindo que fossem investigadas as relações entre o "esquema Pau Brasil" e as campanhas eleitorais de Maluf. Contrariando todas as evidências, e ofendendo a inteligência da população, o corregedor emitiu despacho em que afirma: o envolvimento entre as duas partes "é mera suposição".

O absurdo despacho de Almada passou quase em branco pelas páginas dos jornais, que nesses mesmos dias passaram a dar destaque crescente às "denúncias" de correligionários de Maluf sobre uma suposta "rede de arapongagem" da esquerda. Mais do que nunca, e exatamente como ocorreu com o "Collorgate", as chances de apuração responsável dos fatos pareciam basear-se numa ação mais ousada dos trabalhadores e das forças e líderes políticos que se propõem a representá-los.



ANTÔNIO MARTINS

PETISTA ASSASSINADO EM MINAS

Dirigente do PT de Cruzília apareceu morto com marcas de tortura.

Longe das câmeras do "Aqui Agora", programa do Sistema Brasileiro de Televisão, famoso por mostrar truculências e explorar a miséria humana, a cidade de Juiz de Fora, infelizmente, presenciou no final de julho um crime até o momento obscuro e bárbaro. Jacyr Santos Pereira foi mantido em cativeiro, torturado e depois morto.

Jacyr tinha 35 anos, era comerciante e presidente do Diretório Municipal do PT em Cruzília, cidade onde sempre morou.

No dia 21 de julho, Jacyr foi a Juiz de Fora fazer uma instalação de som na pizzaria da irmã. À noite, foi a uma boate da cidade, Sayonara. Ele estava acompanhado de seu primo. Um dos delegados da cidade, Fernando Camarotta, estava no local acompanhado da mulher, de outro delegado e de um promotor. Até aí, nada de surpreendente.

Toda a história começa a partir dos cheques dados por Jacyr na boate, na madrugada do dia 22 de julho, e de um bate-boca travado com o delegado Camarotta. Aí os fatos começam a se encaixar. Na manhã daquele mesmo dia, o garçom Miguel Nenen e o taxista Marco Aurélio Rodrigues - o mesmo que o havia conduzido para casa - foram conversar com ele sobre os cheques que desconfiavam não ter fundos.

Em seguida, Marco Aurélio foi até o Banco do Brasil, se identificou como policial e queria checar a conta de Jacyr. Falou com o gerente de Juiz de Fora e também com o de Cruzília e afirmou que suspeitava que Jacyr era estelionário. Mas não havia problema algum na conta.

A última vez que Jacyr foi visto foi às três horas da tarde do dia 22. O delegado designado para o caso foi o próprio Camarotta que estava na boate. Depois de quatro dias sem resolver nada, o delegado foi afastado.

O corpo de Jacyr foi encontrado dia 29 e o laudo pericial descartou qualquer possibilidade de suicídio, como tentaram alegar. Ele tinha marcas de tortura e a causa provável da morte foi asfixia. O assassinato teria ocorrido até 72 horas depois do desaparecimento.

O atual delegado, Edilberto Tadeu, prometeu resolver o caso em menos de 12 horas, e até agora nada foi feito. Como garante o deputado federal Agostinho Valente (PT-MG), "se houvesse empenho, a situação já estaria esclarecida". Valente tem uma audiência marcada com o ministro da Justiça Maurício Correia, e seu objetivo é cobrar uma ação mais efetiva. Valente ressalta: "Estão fazendo de tudo para o caso cair no esquecimento, porém nós não vamos deixar".

ADÉLIA CHAGAS

Inventar uma briga com o inimigo externo para neutralizar os adversários internos é uma lição antiga de estratégia, magistralmente demonstrada no *Henrique V* de Shakespeare. O general-presidente Galtieri tentou tirar proveito desta lição mas se deu mal, tendo acelerado o fim do regime militar argentino quando lançou o país na aventura da Guerra das Malvinas, contra a Grã-Bretanha. Na semana passada, para encerrar os fracassos de sua política econômica, o presidente Itamar Franco parecia querer repetir a fórmula com a convocação do Conselho de Defesa Nacional.

Foi um "gesto inusitado e repleto de simbolismos", afirmou a *Gazeta Mercantil*. De fato, o Conselho, previsto no artigo 91 da Constituição, e constituído por ministros civis, todos os militares e os presidentes da Câmara e do Senado, só é convocado, em caráter extraordinário, para tomar iniciativas "necessárias a garantir a independência nacional e a defesa do Estado democrático".

NEUROSE. Estaria o país correndo o risco iminente de ser invadido? Há quem diga que sim. O ex-presidente José Sarney tem reiteradamente escrito, num estilo que beira à paranoia, que os exercícios de soldados norte-americanos na Guiana Inglesa têm como objetivo a ocupação da Amazônia. A linha dura dos militares também defende esta tese, que, na verdade, tem sido usada como pretexto para ampliar o orçamento das Forças Armadas.

Se não há risco de invasão do país, estaríamos na iminência de um golpe de Estado? Que há conspiração aqui e acolá há, mas daí a dizer que o *putsch* está para ser desfechado vai uma longa distância. O deputado-capitão Jair Bolsonaro, porta-voz dos militares descontentes com os salários baixos, vive pregando o fechamento do Congresso e o enterro da Constituição Federal. No último dia 5, o ex-ministro da Justiça da ditadura, Armando Falcão, publicou um longo artigo no *Estadão*, intitulado "Vem o golpe, não vem o golpe?". A típica resposta dele, depois de dizer que

no Brasil não é muito difícil derrubar o "supremo detentor do poder", é que "o futuro a Deus pertence". Na mesma página e no mesmo dia, o ex-deputado Márcio Moreira Alves, especialista em questões militares, publicou um artigo ponderando que "os militares não querem (o golpe). Ainda". Moreira Alves, aquele do discurso que serviu de justificativa para a decretação do AI-5, em 1968, afirmou que entre os militares há, sim, um sentimento generalizado de que é preciso botar a casa em ordem. E que "a idéia de que as Forças Armadas são responsáveis pela sobrevivência de uma nação ameaçada é bastante difundida e pode até ser interpretada como imperativo constitucional".

Ó, EU AQUI. Neste quadro, portanto, em que não se vislumbra no horizonte próximo nem a invasão do país e nem uma quartelada, também não se justificaria a convocação do Conselho de Defesa Nacional apenas para que o presidente da República anunciasse a instalação dos radares do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivan), gerido pela Aeronáutica. A iniciativa parece mesmo servir de palco para um recado político de Itamar Franco: "Olhe aqui, gente. Eu continuo sendo o presidente da República e tenho o respaldo das Forças Armadas". Além disso, serve de cortina de fumaça para cobrir as trapalhadas da equipe econômica.

A confusão com a devolução dos cheques pré-datados foi a primeira grande trapalhada dos últimos dias. Houve, no entanto, outras duas que serviram para desacreditar e desmoralizar ainda mais os planos do ministro Fernando Henrique Cardoso e complicar a aprovação, no Congresso, da Medida Provisória 340, que substituiu o projeto de reposição salarial do deputado Paulo Paim, vetado pelo presidente Itamar. A primeira: o ministro havia dito que a reposição mensal dos 100% da inflação para os salários elevaria os gastos da Previdência Social em US\$ 12,6

Ô, BALANCÊ, BALANCÊ!

bilhões. O Dieese fez as contas, com base nos números do próprio governo, e provou que os gastos extras seriam de, no máximo, US\$ 2,5 bilhões. Uma diferença, portanto, de mais de US\$ 10 bilhões. O escândalo foi revelado na coluna do jornalista Jânio de Freitas no dia 5 de agosto. A segunda trapalhada: o ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko, anunciou que o rombo no Orçamento do ano que vem seria de US\$ 44,3 bilhões. Poucas horas depois, o ministro Fernando Henrique foi obrigado a chamar a imprensa para dizer que Stepanenko havia errado as contas e que o buraco seria de "apenas" 30 bilhões - um erro de US\$ 14,3 bilhões, portanto.

O PRÍNCIPE BALANÇA. Erros tão grosseiros, segundo o analista econômico Aloysio Biondi, seriam, na verdade, "uma criminosa manipulação de cifras", com o objetivo de "criar um clima de pessimismo" e facilitar a imposição das medidas assadas no forno do Ministério da Fazenda. A situação é tão vergonhosa que motivou o senador Ney Maranhão, da tropa de choque do ex-presidente Fernando Collor, a iniciar a coleta de assinaturas para uma CPI destinada a dissecar as contas do governo.

O falante governador Ciro Gomes, do PSDB do Ceará, foi

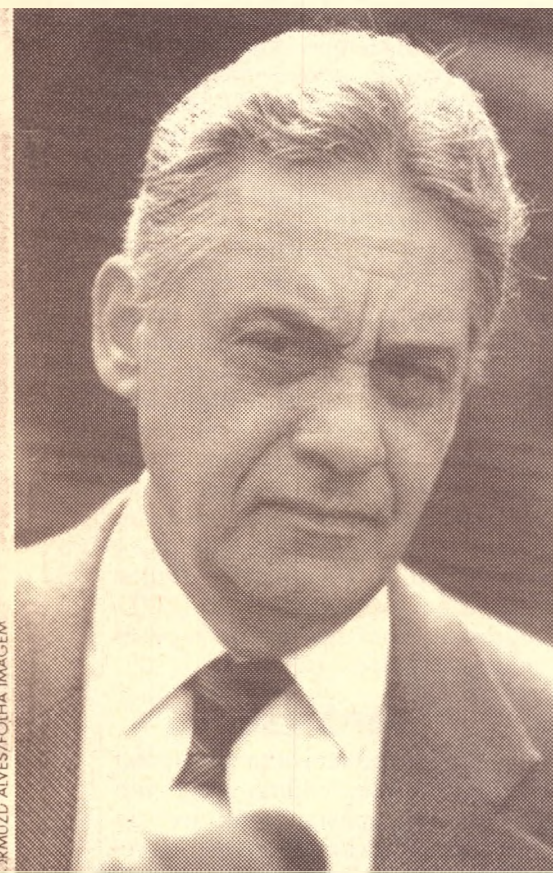
quem fez soar o alarme da situação já capenga do ministro da Fazenda, incapaz de derubar os índices da inflação. O que se nota, aliás, é a tendência de alta. Gomes disse que "acabou cedo demais a lua-de-mel de Fernando Henrique Cardoso e as elites". Os empresários, de fato, têm dado sinais de impaciência, considerando que a condução da política econômica está muito morosa.

Já os trabalhadores, que não contraíram núpcias com "o príncipe dos sociólogos", parecem dispostos a garantir o poder de compra de seus salários, independentemente do que possa acontecer com

O clima de insegurança reinante no país interessa a muita gente. Inclusive ao ministro da Fazenda e ao presidente.



Até quando será mantida a aliança entre os dois?



FRANZIS ALVES/FOHHA/IMAGEM

Fernando Henrique. A CUT retirou-se da mesa de negociações, como havia prometido que faria se o presidente Itamar vetasse o projeto de Paulo Paim. Os sindicalistas sabem que será muito difícil derrubar o veto mas acham possível fazer aprovar um "projeto de conversão" modificado a Medida Provisória 340 para restabelecer a reposição dos 100%.

AMEAÇAS. Tanto os empresários quanto os trabalhadores são considerados inimigos pelo governo. Contra os empresários, as autoridades prometem acionar medidas de combate aos oligopólios, por

exemplo, liberando ainda mais as importações. Contra os trabalhadores, o ataque parece ser ainda mais duro. Durante a instalação da Comissão Mista que vai analisar a Medida Provisória, no dia 5 de agosto, Pedro Simon, líder do Planalto no Senado, em altos brados e com gestos patéticos, diante da televisão, acusou as centrais sindicais de boicotar o plano econômico de Fernando Henrique. "O que tem que ser discutido são os oligopólios que impõem seus preços a todo o país", argumentou Simon.

Para enfrentar os trabalhadores na votação da Medida Provisória, o Palácio do Planalto montou um arsenal contendo alguns bombinhas para os empresários e petardos de chantagem para os trabalhadores:

- para os empresários, o ministro do Trabalho Walter Barrelli está solicitando um "reductor voluntário de preços", uma contrapartida ao reductor compulsório dos 10% sobre o índice da inflação a ser aplicado aos salários;

- para os trabalhadores, o relator da Medida Provisória, senador Beni Veras (PSDB-CE), disse que, se a medida não for aprovada, o ministro Fernando Henrique Cardoso pode cair; do Ministério da Fazenda, tem se espalhado a idéia de que a reposição salarial com o reductor é funda-

mental para o sucesso do plano econômico, e que, se este fracassar, estaríamos em meio a caos que inviabilizaria as eleições no ano que vem; o Planalto ameaça retirar os cargos no governo dos políticos que votarem contra e, para garantir votos favoráveis, começou a distribuir outros cargos: dois discípulos do ex-governador Orestes Quéricia foram nomeados para a Companhia Nacional de Abastecimento e para o Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência no último dia 5.

TEM PACOTE AÍ? Nos próximos dias, as atenções do país estarão voltadas para os combates que se travarão no Congresso em torno do projeto dos salários. No entanto, é preciso prestar atenção em outros fatos que sinalizam na direção da adoção, talvez já em setembro ou outubro, de um pacote econômico, a despeito da teimosia do ministro Fernando Henrique Cardoso negá-lo. O deputado Delfim Netto disse à *Gazeta Mercantil* de 3 de agosto que "a economia vai continuar patinando. Os preços vão continuar subindo. Talvez o governo opte pela dolarização". Muitos poderão dizer que Delfim não merece crédito. Ocorre que não é só ele que pensa assim. Ouvido pelo mesmo jornal, o deputado Aloízio Mercadante (PT-SP) disse que a adoção das NTS (Notas do Tesouro Nacional) Cambiais, o alinhamento dos preços públicos etc. não são medidas "para quem quer combater a inflação com a definição de política de rendas".

ANTÔNIO CARLOS QUEIROZ de Brasília, DF

SINDICALISTAS NÃO RECUEM DOS 100%

Se houver mobilização dos trabalhadores e da sociedade civil, é possível aprovar no Congresso Nacional uma nova proposta de sindicalistas e parlamentares de esquerda, concedendo reajuste de 100% da inflação para quem ganha até 10 salários-mínimos. Pelo menos é este o prognóstico de Keld Jacobsen, tesoureiro da CUT. O objetivo é que a nova proposta substitua a Medida Provisória enviada no último dia 3 por Itamar Franco ao Congresso, que estabeleceu a política salarial vigente, e que deverá ir à votação até o final de agosto.

Segundo Jacobsen, a agenda de mobilização da entidade em favor dos 100% inclui manifestações em vários estados, além do apoio à campanha dos bancários, já mobilizados pelos 100% para a categoria.

Já a estratégia do deputado federal Paulo Paim, definida com as diversas centrais sindicais, nas reuniões que realizou dia 3, é ir além do movimento sindical, buscando apoio no conjunto da sociedade, para os 100% até dez mínimos.

A razão, segundo o deputado, é simples: "Apesar dos salários terem reajustes mensais abaixo da inflação, sendo zerados apenas quadrimestralmente, o custo de vida aumenta, no mínimo, quinzenalmente". É o caso do pão, do leite e dos remédios, produtos essenciais para a vida, lembra Paulo Paim. Além destes, o gás de cozinha, neste ano, acumulou um aumento de 652,34%, e o óleo diesel, de 600,33%.

ALTERNATIVA. Dois dias depois do encontro entre Paim e dirigentes sindicais, o grupo foi a Brasília para se encontrar com vários integrantes do governo e líderes partidários no Congresso. Como nada garante que o governo abandone a sua inflexibilidade, o parlamentar petista já trabalha com a hipótese do reductor nos salários, desde que condicionado ao custo de vida, caso a proposta dos 100% não for aprovada: "Se ele for de 10% nos salários, tem que também ser aplicado nos preços e tarifas", diz Paim. A favor desta proposta, o próprio ministro do Trabalho, Valter Barrelli, e mesmo o líder do governo no Senado, Pedro Simon, chegaram a se manifestar: apoio, no caso do ministro do Trabalho, e simpatia, no caso de Simon.

INTOLERÂNCIA. Enquanto os sindicalistas e parlamentares se mexem a ponto de atrair simpatias até do ministro do Trabalho, quem permanece na mesma é Fernando Henrique Cardoso, o ministro da Fazenda. Seu desejo é aprovar a Medida Provisória do governo, que prevê o reductor de 10% sobre os salários e ainda por cima o veto presidencial à proposta de 100% de reajuste aprovada pela Câmara.

A intolerância do ministro da Fazenda vem provocando sérios estragos, além de colocá-lo numa gangorra. A CUT, por exemplo, se retirou dos debates da Agenda Brasil, comprometendo a sua continuidade, e o ministro corre o risco de ter que amargar uma derrota nas votações da Câmara. Segundo Ivã Guimarães, do *Desep*, e um dos integrantes do grupo de negociações da CUT na Agenda Brasil, "o governo revelou desde o início não só falta de vontade como também incapacidade para negociar".

Para Ivã, a pauta dos encontros da Agenda Brasil deveria ter incluído também o debate da sonegação e especulação financeira, como propunha a CUT. Ao não fazê-lo, pensa ele, "o governo optou pelos especuladores e sonegadores". Em vez de arrochar os salários, como fez, afirma Ivã, "o governo teria que ter tomado medidas duras, como por exemplo a regularização das carteiras profissionais de 15 milhões de trabalhadores não registrados, o que aumentaria a arrecadação da Previdência em cerca de 900 milhões de dólares por mês". Isso, ao lado de outras medidas de combate à sonegação e do alongamento do prazo da dívida pública em 15 ou 20 anos, seriam medidas de grande eficácia para combater a inflação sem penalizar os trabalhadores, afirmou o economista do *Desep*.

HAMILTON CARDOSO



ADÉLIA CHAGAS

OLÍVIO LÁ

Numa ação denominada *Quebra-Gelo*, o PT gaúcho está contatando setores tradicionalmente resistentes ao partido. Ao mesmo tempo, realiza a operação *Pé no Barro*, com visitas a favelas, periferia e interior do estado. A campanha para a sucessão de Alceu Collares também vai contar com o deputado federal Éden Pedrosa (PDT), que se filiará ao PT por ocasião da visita de Lula ao Rio Grande do Sul, prevista para os dias 24, 25 e 26 de setembro. Numa demonstração a mais de que as campanhas nacional e estadual serão combinadas, foi adotado o slogan "Lula lá, Olívio aqui". O slogan traz sorte: foi criado no dia 29 de setembro de 1992, durante um comício pelo impeachment em Porto Alegre, quando se dizia "Lula lá, Olívio aqui, Tarso já".

ATÉ NOVEMBRO

Dezoito grupos temáticos - que vão da saúde ao esporte, passando por turismo e educação - estão preparando uma radiografia do estado e a elaboração de propostas que vão resultar no programa de governo do PT para o Rio Grande do Sul. E as 21 microrregionais estão constituindo grupos de trabalho que analisarão pormenorizadamente as especificidades de cada região. Em novembro, um pré-programa começará a ser apresentado à sociedade.

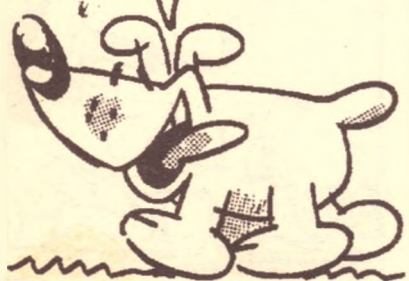
SANTA CATARINA**COBRANÇA**

No dia 31 de julho, lideranças do PDT, PSDB, PPS e PCdoB se encontraram com o prefeito de Blumenau, Renato Viana (PMDB), para discutir a sucessão estadual. Marcaram outra reunião para o dia 28 de agosto, em Lajes. A reunião não agradou o PT, que compõe com aqueles partidos a Frente Popular. No dia 16 haverá uma reunião do Conselho da Frente Popular, quando o PT vai cobrar o cumprimento do acordo segundo o qual as conversações devem ser feitas pela Frente, e não pelos partidos individualmente. Detalhe: PSB, PV e PPS não estiveram em Blumenau.

NENHUM SERVE

Os partidos que compareceram à reunião em Blumenau manifestaram interesse numa aliança com o PMDB na sucessão estadual de 1994. Mas tudo dependerá do nome do candidato peemedebista. O mais forte é Paulo Afonso Vieira, segundo colocado nas eleições de 1990. Por fora correm Renato Viana, de Blumenau, e Eduardo Pinho Moreira, prefeito de Criciúma; ambos agradam mais os partidos que foram à reunião. Já para o PT, nenhum deles serve: segundo o 9º Encontro Estadual do PT catarinense, realizado em maio, o partido não deseja uma aliança com o PMDB.

UMA SELEÇÃO QUE TEM DUNGA, SÓ PODE PASSAR EM BRANCO!

**ITAMAR CRITICA SELEÇÃO!**

A C O N T E C E

NOS ESTADOS

SÃO PAULO**DATA CERTA**

Dia 25 de agosto, além das comemorações oficiais, será também a data limite para que os pré-candidatos petistas ao governo do estado de São Paulo confirmem sua disposição em participar das prévias partidárias, marcadas para 17 de outubro. Candidatos a "soldados do partido" estão Telma de Souza e Zé Dirceu. Luíza Erundina foi indicada por um militante, mas em conversa com membros da direção declinou da disputa: estará a serviço do PT noutras frentes.

MINAS GERAIS**APERTANDO PARAFUSOS**

Chico Ferramenta, presidente do PT mineiro, e Marcos Flora, secretário-geral, estão agendando reuniões com o PCdoB, PSB, PST-U, PCB e PV, supostos aliados nas próximas eleições. Os encontros devem ocorrer ao longo do mês de agosto.

PÃO DE QUEIJO

Dias 16 e 17 de agosto, Lula estará visitando Minas. Dia 16, estará em Iturama, junto a trabalhadores rurais. À noite vai a Uberaba, participar de ato público contra a fome. Dia 17, participará das comemorações dos 138 anos do Barreiro, bairro de Belo Horizonte com maior concentração operária. Nesse dia, almoça com os prefeitos presentes ao 4º Encontro dos Prefeitos do PT de Minas Gerais e, à noite, participa de outro ato contra a fome.

BAHIA**ACARAJÉ**

Os pré-candidatos do PT ao governo da Bahia têm até o final do mês de agosto para se inscrever junto à direção do partido. A prévia está marcada para a segunda metade de novembro. No PSDB despontam Waldir Pires e Jutahy Jr. - este último deve ter o apoio da prefeita de Salvador, Lídice da Mata. No PFL, Benito

SEJA REPRESENTANTE DO BRASIL AGORA

O jornal *Brasil Agora*, em fase de expansão, procura vendedores com alguma experiência para atuação nas capitais e interior dos estados.

Possibilidade de bons ganhos. O jornal garante apoio operacional.

Procure o coordenador do seu estado.

MG	Antonio Borges	(031)222.3735
NORDESTE	José Vital	(085)252.1992
PA	José Maria	(091)224.8579
RJ	Paulo Soldano	(021)242.0793
RS	Talles da Rosa	(051)221.7733
SC	Wolney Chucre	(0482)22.0077
SP E OUTROS	Odette	(0800)11.1300

Gama e Waldeck Ornellas estão se movimentando - ACM ainda não indicou suas preferências. No PMDB há três pleiteando: Genebaldo Correa, Nilo Coelho e Rui Bacellar, que controla o diretório estadual do PMDB baiano.

MATO GROSSO**DIRETAS-MAN**

Dante de Oliveira, prefeito de Cuiabá, é o pivô de uma tentativa ambiciosa: construir uma coligação de todos os partidos contrários à oligarquia dos Campos, que domina a política do Mato Grosso. O PT só aceita participar sob duas condições: o compromisso da frente com a candidatura Lula e a ausência de partidos e segmentos da direita.

ESPÍRITO SANTO**NOMES FORTES**

Vitor Buaiz (PT) e Gerson Camata (PDC) são os nomes mais fortes para a sucessão do governo do Espírito Santo. É o que indica a pesquisa do Centro de Questões do Desenvolvimento, realizada no final de junho e publicada em julho pelo jornal *A Gazeta*. Buaiz ganha em Vitória (37,2%) e Grande Vitória (24,7%), contra 14,8% e 14,3% de Camata, que ganha no interior: tem 37,8% na região sul, 41,6% nas regiões norte e nordeste, 44,1% na região montanhosa. Nas mesmas regiões, Buaiz obteve 9,3%, 10,9% e 14,4%. Ambos empatam no litoral norte: Camata tem 23,7% e Buaiz 22,3%. O terceiro colocado na capital e interior é o senador Élcio Alvares (PFL), enquanto o candidato do governador Albuíno Azeredo, Teodorico Ferraço (PDT), apresenta bom desempenho apenas na região sul, com 21,4%.

HIPÓTESE

Albuíno poderá optar por apoiar Camata, o que dividiria seu governo; ou então apostar numa "terceira via", lançando José Eugênio, seu secretário da Fazenda. Funcionário de carreira e benquisto entre os prefeitos, Eugênio foi um dos articuladores da candidatura de Albuíno para o governo do estado.

RONDÔNIA**LULA LÁ**

Entre os dias 7 e 11, o presidente do PT vai peregrinar por Rondônia. No dia da independência, Lula estará na fronteira do Acre com o Rondônia; vai a Porto Velho, passa os dias 9 e 10 no interior e, no dia 11, será levado à fronteira com o Mato Grosso, que visitará entre 11 e 14 de setembro.

BI-ESTADUAL

Dias 20 e 21 de agosto ocorre o 1º Encontro das administrações petistas de Rondônia e Acre. O evento será realizado em Porto Velho, em promoção conjunta dos diretórios regionais de ambos os estados.

MULTILATERAL

Foi realizado em Rolim de Moura (prefeitura dirigida pelo PMDB), o 3º Encontro dos partidos de oposição de Rondônia. Já houve uma primeira reunião em Porto Velho (administrada por uma coligação entre PSDB, PMDB e PT) e outra em Ouro Preto (administrada pelo PT). Os encontros, reunindo PMDB, PSDB, PT, PSB e PDT, têm como pauta a oposição ao governo do estado, dirigido por uma frente formada pelo PPR, PRN, PST e PTB. Além disso, a oposição discute também sua atuação parlamentar nas câmaras das cidades que dirige.

HAMILTON CARDOSO E VALTER POMAR

Colaborou Cláudio Schuster (SC)

Betinho critica o governo

Para ele, a fraca atuação do governo desmoraliza a campanha contra a fome.

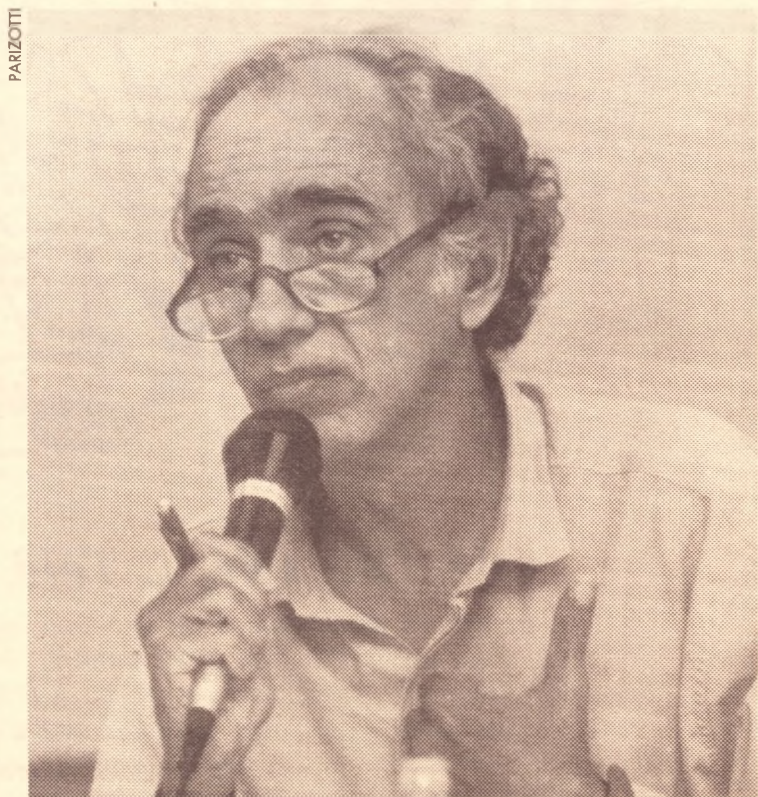
"Ao mesmo tempo, nós que queremos cobrar as iniciativas do governo temos que criar nossos próprios mecanismos de combate à fome e à miséria", disse o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, referindo-se à Campanha de Combate à Fome, proposta no início do ano por Lula ao presidente Itamar Franco, com o nome do sociólogo para presidir-la. "Ela está recebendo apoio de importantes setores da sociedade", disse, principalmente através da criação de Comitês da Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida.

Lançada dia 13 de maio, a campanha está dividida em duas partes: uma é institucional e reúne o governo, representado no Consea-Conselho Nacional de Segurança Alimentar, presidido pelo arcebispo de Caxias, D. Mauro Morelli. A outra, da sociedade civil, que criou Comitês para a Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida,

é coordenada pelo Betinho.

Enquanto os comitês, nascidos das iniciativas da sociedade civil, através de grupos, entidades, movimentos sociais, empresários e outros setores, agem por conta e iniciativa próprias, estimulando a organização das populações carentes e intermediando as suas relações com doadores, o Consea, integrado por representantes de 21 entidades da sociedade civil e oito ministros de Estado, estimula, dá ou garante infra-estrutura para a criação de comitês e atua como um canal para o encaminhamento de propostas e cobrança das iniciativas governamentais.

Mas o governo já começa a merecer críticas de Betinho na grande imprensa. "A atuação do governo é frouxa", disse a jornais da grande imprensa, lembrando das recentes notícias de apodrecimento de estoques de alimentos em armazéns do governo. O fato, acredita, é tão grave como o caso PC Farias. "Desmoraliza tudo", disse.



Apodrecimento de estoque de feijão irrita Betinho

COMITÊS. A campanha tem revelado crescimento através dos comitês da Ação da Cida-

dania. "Eles existem em todos os 27 estados, em capitais ou mesmo cidades do interior",

disse José Marcelo Martins, secretário nacional do Movimento, com sede em Brasília. "Só no Rio, disse Lislene Uchôa da Lapa, "eles já passam de cinquenta". Ambos explicaram que os comitês são livres, independentes e apartidários, podem e devem ser criados por iniciativa de cidadãos, através de grupos de amigos, entidades, empresários e partidos políticos.

Lislene Uchôa Lapa, assessora de imprensa do Comitê Rio, integrado por representantes da CUT, CREA, PNBE, UERJ e cidadãos independentes, explica que o ideal é que cada comitê criado adote uma comunidade carente. Adotar "significa zelar e cuidar da comunidade, intermediando, garantindo a distribuição de alimentos mas, principalmente, estimulando a iniciativa e organização das populações carentes. Não queremos confundir a campanha com o assistencialismo clássico".

HAMILTON CARDOSO

6ª PLENÁRIA DA CUT

Decisões entre bombardeios

Pressões externas e questões polêmicas aumentam expectativas pelas decisões da Central

Em meio às negociações da política salarial, bombardeada pelos meios de comunicação por ter saído da mesa de negociações, a CUT realiza, no mês considerado como um dos mais críticos para o governo Itamar, a sua VI Plenária Nacional. O encerramento coincidirá com os dez anos da central.

A Plenária Nacional prepara o V Congresso Nacional da CUT (V Concut), para maio do ano que vem. Entre os dias 24 e 28 de agosto estarão reunidos cerca de 360 delegados, na quadra dos bancários em São Paulo.

Dois pontos já podem ser considerados consenso: o aprimoramento da organização vertical da central e o não à Revisão Constitucional, como justifica um manifesto divulgado há pouco pela CUT: "As causas dos graves problemas do Brasil não estão na Constituição aprovada em 1988. O Brasil real é muito pior que o Brasil legal da Constituição".

Mas há outros aspectos que prometem uma discussão acalorada. O balanço dos dez anos, comentado por todas as tendências no caderno de teses, até pode provocar várias divergências, mas não vai à

votação. Do ponto de vista interno, são basicamente dois os pontos mais polêmicos. Um é a quota de 30% das mulheres na direção, proposta pela Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora. Como a votação deste tema foi vitoriosa na maior parte dos congressos estaduais, tem-se uma preliminar da disputa.

A maioria dos estados aprovou a quota. A proposta tem apoio de setores da Articulação e do Fórum do Interior; e da Força Socialista, PCdoB, Democracia Socialista e Convergência Socialista.

O segundo foco de divergências refere-se ao número

de delegados para o V Concut e ao critério de seleção para delegados. A Articulação propõe de 2.500 a 3.500; já a CUT pela Base sugere cerca de 5 mil; o PCdoB e Força Socialista, 9 mil; e a Convergência Socialista, 10 mil.

Excetuando a Articulação, as demais correntes querem um novo critério na escolha. Ao invés dos delegados serem eleitos nos congressos, poderiam também ser eleitos nas assembleias dos sindicatos. Segundo o organizador da plenária, Kjeld A. Jakobsen, "o que deve acontecer é uma proposta intermediária".

Em termos de conjuntura nacional, alguns temas também vão ser bastante debatidos. O mais acirrado deles é a caracterização da manifestação política da CUT frente ao governo Itamar, além da atual política neoliberal, das políticas sociais e dos Conselhos Tripartites.

Devido aos dez anos, na abertura da Plenária vai ser feita uma homenagem às pessoas ligadas à formação da Central e também haverá uma festa no encerramento, comemorando o aniversário.

ADÉLIA CHAGAS

LULA 94

Estamos entrando no clima das eleições de 94. Teremos a oportunidade de elegermos LULA PRESIDENTE DO BRASIL. Será preciso muita luta e participação de todos os militantes do PT. Para ajudar seu grupo a não ficar de fora o B-A, BA lança seus primeiros materiais de divulgação da Campanha LULA 94

B-A, BA AUDIOVISUAL
C. Postal. 011-145
Vitória ES
Cep. 29 001-970
Tel. 027-222 8479

	1-Broche Camisa Plástico Cartaz Bone		2-Broche Camisa Plástico Bone		3-Broche Plástico		4-Broche		5-Broche		6-Broche		7-Broche		8-Broche		9-Broche		10-Broche
--	--------------------------------------	--	-------------------------------	--	-------------------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	----------	--	-----------

PAGAMENTO
*Cheque Nominal
B-A, BA AUDIOVISUAL

*Vale Postal

*Deposito Instantaneo
BRADESCO Vitória
Ag. 0485-5
Conta. 047 816-4
p/Anselmo L. Ventorim

Qtd	Material	N	CR\$ à Vista	Cheque 30 dias	Total
	Broche sortidos		7,00	9,00	
	Plástico p/ carro	1	20,00	26,00	
	Plástico p/ carro	2	20,00	26,00	
	Plástico p/ carro	3	25,00	30,00	
	Bone	1	220,00	286,00	
	Bone	2	220,00	286,00	
	Camisa	1	250,00	385,00	
	Camisa	2	250,00	385,00	
	Cartaz	1	20,00	26,00	
			TOTAL		

Acima de 10.000,00 Desconto de 15%

TOTAL

Nome _____
End. _____ Nº _____
Apt. _____ Bairro _____
Cidade _____ Est. _____
Cep. _____ Tel. _____
Contato _____

-FAÇAMOS AGORA UM PENSAMENTO POSITIVO PARA QUE TODOS OS NOSSOS SONHOS SE TORNEM REALIDADE!



SEM COLHÕES

O governador Geraldo Bulhões, de Alagoas, aparentemente fez o que qualquer cara normal faria: separou-se da mulher que lhe batia e o punha algumas vezes pra fora de casa (até do Palácio, onde teoricamente é ele que governa). Mas é só aparentemente. Até nisso ele obedeceu à sua "patroa". Ela é quem lhe impôs a separação, porque como mulher do governador não podia se candidatar às eleições do próximo ano. Denilma Bulhões continua mandando.

MOUZAR BENEDITO

QUEM PODE, PODE

Empresas brasileiras estão abrindo contas em bancos paraguaios e uruguaios para escapar do IPMF. Coerência é isso aí: o capital brasileiro reclama que há excesso de impostos no país e faz o que pode. Ou seja, não paga nenhum.

CACO BISOL

ARAPONGAS

A Secretaria da Segurança Pública de Santa Catarina não tem mesmo jeito. Denunciada várias vezes como responsável pela continuidade do aparelho repressivo da ditadura militar, ela foi flagrada no começo do mês de agosto fazendo espionagem política das atividades do vereador petista de Florianópolis, Lázaro Daniel, que trabalha com moradia e movimento dos sem-terra. Um documento da secretaria determinando a realização da espionagem foi deixado por uma pessoa que não se identificou no gabinete do próprio vereador Lázaro.

ADELITA TAVARES

QUEM É ESPIÃO?

É o fim, diria o filósofo. O jornal **O Globo**, de propriedade do sr. Roberto Marinho, publicou em sua edição de 8 de agosto uma extensa matéria acusando petistas e cutistas de arapongas e dedos-duros.

Segundo o jornal, o PT e a CUT teriam montado no interior do aparelho estatal brasileiro uma "central de espionagem", responsável por denúncias de corrupção contra Collor, Maluf e Quéricia, entre outros. Se isso fosse verdade, o PT e a CUT deveriam ser elogiados. Afinal, falta ainda muita coisa para ser denunciada neste país, especialmente na máquina estatal. Em vez de publicar tal matéria, que tal se o jornal **O Globo** fizesse uma pesquisa junto aos seus eleitores, colocando-lhes a seguinte questão: se você tivesse uma bomba para denunciar, quem você escolheria para torná-la pública - um deputado do PT ou o

Olê, Olê, Olê, ... Telê, Telê

Parreira é burro, dizem alguns. Incompetente, afirmam outros. É verdade que se o técnico fosse o Telê Santana - e isso todo o povo brasileiro parece saber - dificilmente a seleção de futebol do Brasil estaria na sinuca de bico em que foi colocada, após a derrota para os bolivianos, correndo o risco de não se classificar para a Copa de 1994. O problema do ex-escrete de ouro, contudo, vai muito, mas muito além mesmo da incompetência do técnico Parreira. Sua raiz está na estrutura autoritária, mandonista e absolutamente sem nenhum controle democrático da Confederação Brasileira de Futebol e da meia dúzia de cartolas que seguram suas rédeas. Por ali passam milhões de interesses - de vaidade pessoal a motivações inconscientes de clubes, meios de comunicação... Bem, vamos parar por aí.

No passado era assim?, perguntariam vocês. Não era, mas chegava perto. Quem não se lembra que o escrete de 70 - campeão do mundo e um dos maiores times de futebol da história - foi organizado por um jornalista esportivo chamado João Saldanha em meio a uma crise braba? E vejam vocês que o Brasil tinha naquela época Pelé, Gerson, Rivelino e Tostão. Os cartolas, contudo, eram mais espertos e deram carta branca para Saldanha pôr ordem na casa, e só depois disso o substituíram por Zagalo. A mudança foi porque Saldanha era comunista. Zagalo, que na época parecia mais esperto, manteve tudo o que ele deixou e o Brasil foi campeão do mundo.

*Que o grito "Fora Parreira" continue. Mas que a ele sejam acrescentados outros dois: "Fora com os cartolas da CBF" e "Fora com os atletas pernas-de-pau e mimados de nosso futebol". O grande mestre Telê Santana disse ao **Brasil Agora** (nº 43) que há bons jogadores no Brasil para se fazer uma boa seleção. Devemos confiar nele.*

JOSÉ AMÉRICO

sr. Roberto Marinho? O resultado da pesquisa deixaria claro para os editores do jornal por que parlamentares do PT são campeões das denúncias contra a corrupção neste país. Afinal, ninguém é tão otário a ponto de pôr uma raposa para tomar conta do galinheiro.

JOSÉ AMÉRICO

SUTILEZAS DO RACISMO

O estado do Espírito Santo tem uma prova de que o preconceito racial no Brasil é carregado de preconceito econômico: lá, apesar de discriminados, os negros ainda estão em melhor situação que uma raça muito branca, os pomeranos, imigrantes vindos da Pomerânia, uma região da Alemanha. Ao contrário dos pomeranos que se instalaram no Sul, esses do Espírito Santo são pobres, mais pobres que os negros, e segregados, vítimas da maior discriminação no estado.

MOUZAR BENEDITO

NICOLAU BELEZA

Bola branca para a Secretaria da Cultura do governo do Paraná pela

edição de Nicolau, uma revista de literatura e arte deliciosa de ler. Publicação bimestral, Nicolau traz textos poéticos, resenhas de livros, críticas e ensaios - de autores consagrados mas também de muita gente nova. O último número da revista, que circulou no mês de julho, por exemplo, contém uma entrevista inédita do psicanalista Sigmund Freud ao jornalista americano George Sylvester Viereck, uma reportagem sobre o agricultor e poeta nipo-brasileiro, Nempuku Sato, autor de *haikais*, e muitas outras coisas interessantíssimas. Vale a pena conferir. O endereço de Nicolau é rua Ébano Pereira, 240 - Curitiba - PR - CEP 804410903 - Fone: 041-322.7117.

MARCINHO BORBA

PRIVADO X PRIVAÇÃO

O arquiteto francês Paul Chemetov defende - numa época em que tudo tende ao que é "privado" - a reorganização da cidade gratuita. Como hoje tudo é pago, supermercado, cinema, restaurante, é preciso criar espaços públicos, não-comerciais. Ele anota que no Brasil os espaços que

AGORA

pobres e ricos dividem são cada vez mais raros, reflexo do *apartheid* social. No caso de São Paulo, onde existem várias cidades dentro de uma só, os resultados dessa transformação só seriam visíveis dentro de cem anos. Resta saber se esse prazo mereceria ser ampliado depois de uma catastrófica administração Maluf, com suas "grandes" obras.

CACO BISOL

LEI DE RUTH

Algumas pessoas estranham a inclusão de Ruth Escobar entre as pessoas que teriam recebido grana do chamado "esquema Pau Brasil". Não é para tanto. Dona Ruth tornou-se especialista em se aproveitar das boas bocas do poder, e está sempre tirando suas casquinhas. Tanto que no governo Collor ela ocupou o cargo de adido cultural do Brasil em São Francisco. Para se ter uma idéia do que isto representa, basta ver quem eram os outros adidos culturais: Ipojuca Pontes (destruidor do Ministério da Cultura) em Buenos Aires, Cláudio Humberto (o porca-voz) em Lisboa e Sebastião Nery em Paris.

PEDRO LUÍS

ANTES DO SEMLER

No último jornal, tive a decepção de ver que "quem não lê a coluna do Semler na **Folha de S. Paulo**, não sabe o que está perdendo". Segundo a nota publicada no ETC, Semler revelava que o valor que Maluf está pagando aos empresários de ônibus é semelhante ao que Erundina pagava. Com isso se desmistifica todo o circo que Maluf fez com Erundina. Sem dúvida Semler foi o único dos grandes jornais a revelar o fato, porém **Brasil Agora** já havia feito a denúncia na primeira quinzena de julho. Conclusão então que "quem não lê **Brasil Agora**, não sabe o que está perdendo".

ADELIA CHAGAS

PROPINAS

O superfaturamento na construção da hidrelétrica de Xingó, cujo orçamento teve aumento de US\$ 1,8 bilhões para US\$ 3,2 bilhões, favoreceu a Odebrecht, a Mendes Júnior e a Constran e se deu por influência de PC Farias. Inquérito da Polícia Federal comprova que as duas primeiras deram propina ao tesoureiro da campanha de Collor. Em novembro passado, o ministro das Minas e Energia, Paulino Cícero, anunciou que recuperaria o prejuízo de US\$ 600 milhões - cifra estimada por ele próprio -, mas até agora nada fez. OTCU entrou em cena, pressiona e é até possível que a grana venha a ser recuperada e tudo acabe bem no país do pau-brasil, a não ser que também queira se esclarecer o problema da impunidade dos empresários no caso das propinas. Mas aí já é outro problema.

JOÃO OTÁVIO

Solidão incômoda

Fidel procura parceiros e caminhos. Mas não os sugeridos pela imprensa.

PLANO CLINTON. O orçamento proposto pelo presidente dos EUA foi aprovado pelo Legislativo. Apesar da defecção de democratas conservadores, ele passou na Câmara por 218 a 216 e no Senado por 51 a 50 (com o voto de Minerva do vice-presidente Al Gore). O plano prevê a redução do déficit público em US\$ 496 bilhões em cinco anos, US\$ 255 bilhões devido a cortes de despesas e US\$ 241 bilhões por aumento de impostos, principalmente para as faixas que ganham acima de 115 mil dólares por ano.

JAPÃO. PLD na oposição. O reinado do PLD de 38 anos no governo acabou. Uma coalizão de sete partidos, incluindo o Partido Social Democrata (ex-Partido Socialista) e três partidos surgidos de rachas recentes do PLD, elegeu Morihiro Hosokawa o novo primeiro-ministro do Japão. Ele teve 262 votos, contra 224 dados ao do candidato do PLD. Takako Doi, ex-líder do PSD, foi eleita presidente da Câmara. Há resistências de setores do PSD quanto à participação em um governo de perfil conservador.

RÚSSIA. O confronto continua. Yeltsin perdeu a iniciativa na luta política que trava contra o Parlamento. A elaboração da proposta de uma nova Constituição com representantes das repúblicas e regiões tem enfrentado dificuldades crescentes; o governo fez uma grande trapalhada na substituição dos rublos em circulação, o que provocou pânico na população; e as tendências centrífugas na Federação Russa continuam crescendo. Comenta-se em Moscou que a própria corrente política de Yeltsin, o Movimento Rússia Democrática, está discutindo uma forma de substituir o presidente sem que o governo caia nas mãos de seus adversários (o vice Rustkoi e o presidente do Parlamento, Khasbulatov).

CRISE NA UNIFICAÇÃO. A onda de especulação com as moedas européias, desencadeada pela recusa do Banco Central alemão de reduzir suas taxas de juros, provocou uma desvalorização dos integrantes do Sistema Monetário Europeu (com excesso do marco alemão e do florim holandês). A situação econômica criada pela unificação alemã terminou implodindo a política monetária do Tratado de Maastricht e comprometendo definitivamente o cronograma aprovado rumo à moeda única européia. E na Inglaterra John Major conseguiu que o Parlamento aprovasse o Tratado, mas sem o Capítulo Social, isto é, desobrigando a Inglaterra de cumprir as obrigações sociais e trabalhistas estabelecidas para os outros países.

Bastou Fidel Castro ensaiar algumas medidas de abertura para a imprensa brasileira determinar que "o mais renitente baluarte do socialismo real" começa a dar os primeiros passos rumo à liberalização do mercado. A **Veja**, por exemplo, já tem seu veredito: Cuba seguirá os passos de seu arquiinimigo ideológico, a China, abrindo as fronteiras econômicas e endurecendo a mão no comando político. A revista - que apoiou, e depois negou, Collor - faz uma análise confusa. Diz que "só barbudos de Havana têm esperanças de atrair o capital privado para seu bastião comunista fingindo rejeitar o capitalismo". Em seguida, afirma que, no Brasil, Fidel teria de se haver com a esquerda nacionalista em função do processo de reformas. "Vai chegar o dia em que Chico Buarque e Lula poderão ser presos como subversivos quando desembarcarem no aeroporto de Havana", vaticina a revista com a arrogância de quem elabora suas teses a partir das agências internacionais de notícias. Detalhe: apenas o **Brasil Agora** e a **Rádio CBN** estavam presentes em Cuba no dia 26 de julho, data das declarações de Fidel.

De fato, os sinais de abertura lançados pelo presidente cubano e a recente troca de ministros da área econômica confirmam que o governo se move na direção das reformas. Mas daí a enquadrar Cuba no "darwinismo econômico" que leva a humanidade a um mundo unipolar vai uma grande distância. É claro que alguma coisa acontecerá no país, mais cedo ou mais tarde. Renúncia de Fidel, revolução por dentro, guerra civil e até mesmo a manutenção do socialismo tal como está hoje são possibilidades reais.

A questão é de tempo, fôlego e sensibilidade política. A crise econômica,



Fidel: medidas "que nunca adotariamos em outra situação"

agravada pelo endurecimento do embargo norte-americano, atinge níveis sem precedentes. O dólar corre solto. Num mercado retraído, sem oferta de bens de consumo e de alimentos, a moeda americana tornou-se a única referência para os negócios oficiais e clandestinos. O peso não vale quanto pesa. Há um excedente de dez bilhões de pesos no mercado e a cotação do dólar atingiu, na última semana de julho, a base de 65 por um. O salário médio de um trabalhador está por volta de 350 pesos, ou seja, pouco mais de cinco dólares. Ainda que a saúde, educação, moradia, emprego e o mínimo de alimentação estejam garantidos para todos, atividades consideradas ilegais, como a cafetinagem e a venda de produtos desviados das empresas estatais, começam a se alastrar perigosamente.

PRENÚNCIOS. O discurso do presidente Fidel Castro em 26 de julho foi uma

espécie de preparação do espírito do povo cubano diante das medidas que poderão vir a ser adotadas. Sua implementação, no entanto, depende ainda da aprovação da Assembléia Nacional, que será convocada em sessão extraordinária. O que existe de concreto na abertura cubana é o relaxamento na vigilância sobre a posse do dólar, antes severamente reprimida, e a busca quase desesperada de parceiros estrangeiros para investir no turismo e na exploração do petróleo.

O que virá além disso é mera especulação, porque tudo vai depender da forma de transição escolhida por Fidel Castro. Apesar da crise, ele ainda goza do respeito da população, que alterna momentos de insatisfação com gestos de apoio à revolução. No meio disso, entra o fôlego possível, e um forte apelo à criatividade e a sensibilidade do líder para tomar o melhor caminho. Em Havana, o discurso de Fidel foi acompanhado atentamente por milhares de pessoas através de altofalantes instalados nas praças, embora a solenidade, realizada num teatro em Santiago de Cuba, tenha tido um ar exageradamente oficial, com direito ao tradicional grito de guerra "socialismo ou morte" e às marchinhas revolucionárias.

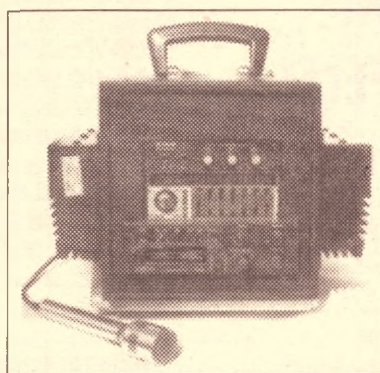
Nas ruas, o clima é de expectativa diante do futuro incerto. Os Estados Unidos trocaram a ameaça de uma invasão militar pela asfixia econômica lenta, gradual e, ao que parece, segura. Cuba está só. Fidel Castro, às vezes, também está só, com o olhar perdido, enquanto as mãos longas coçam a barba esbranquiçada. A sensação de esperar alguma coisa que não se sabe exatamente o que é incomoda. Mas a sensação de estar sozinho incomoda muito mais. Isso a imprensa brasileira ainda não percebeu.

MARCO PIVA
de Cuba

O SOM NA MEDIDA DE SUA NECESSIDADE

A **DISKSOM** produz equipamentos de qualidade para serem usados em qualquer ambiente, parado ou em movimento. O funcionamento é muito simples, funciona com a bateria do carro e você investe pouco e uma vez só.

720W DE POTÊNCIA, GABINETE, TOCA-FITA, EQUALIZADOR, MIXER, 2 MÓDULOS DE POTÊNCIA, MICROFONE, CAIXA INTEGRADA (4 SAÍDAS). PARA CARRO PASSEIO OU KOMBI.



CONVERSE CONOSCO

VADO OU VANESSA
FONE (011) 34.7244

DISK SOM

COMÉRCIO E MANUTENÇÃO

RUA SILVEIRA MARTINS, 12 - CENTRO - SÃO PAULO/SP - FAX (011) 35.0717

Banana para o neoliberalismo

A corrupção e a atual política econômica também foram condenadas na reunião

O clima que antecedeu a quarta reunião do Fórum de São Paulo, ocorrido em julho passado, em Havana, era de apreensão. Presentes, 112 partidos membros e 25 organizações observadoras, da América Latina, para fazer um diagnóstico do continente. Mas o problema não era o número de representantes e nem que se tratasse de ameaça de bomba ou infiltração da CIA. No encontro anterior, em Manágua, o resultado tinha sido pouco animador em função das divergências no encaminhamento de questões que, embora importantes no contexto internacional, bloqueavam as possibilidades de uma ação unitária em nível latino-americano. Prevendo dificuldades, a coordenação do Fórum, conhecida como Grupo de Trabalho (GT), chegou dois dias antes e ficou enclausurada no hotel Habana Libre para soprar o diapasão e preparar a pauta.

A grande preocupação era garantir o caráter da iniciativa: um espaço plural de discussão sobre a crise que o neoliberalismo enfiou goela abaixo da América Latina e de busca de alternativas democráticas a partir da renovação da esquerda.

A dramática situação do país anfitrião ajudou talvez a desarmar espíritos e a combinar intenções no rumo da unidade. A tal ponto que a pri-



Lula: Chega de discursar para nós mesmos

O QUE É O FÓRUM DE SÃO PAULO

A idéia de um fórum que reunisse a esquerda da América Latina e Caribe partiu de Lula durante o 7º Encontro Nacional do PT, em junho de 1990. Em menos de vinte dias, aconteceu a primeira reunião em São Paulo, com a participação de 48 partidos e organizações. Um grupo de trabalho foi criado para coordenar as ações do recém-batizado Fórum de São Paulo. Vieram os encontros do México (1991), Manágua (1992) e, em julho passado, Havana, quando a novidade foi a participação de 30 partidos e movimentos anticolonialistas do Caribe. Do Brasil estiveram representantes do PT, PCdoB, PDT e PSB. A próxima reunião deve acontecer no ano que vem em Montevidéu. Até lá estão programados dois seminários, um sobre alternativa econômica para o continente e outro sobre a questão das mulheres. **M.P.**

meira sessão de trabalho, que aprovou a pauta, terminou antes do horário, fato inédito na história da esquerda. Mesmo assim, mais de 80 oradores desfiaram 28 horas de discursos durante os quatro dias da reunião - excluído o de Fidel Castro, no final, que somaria mais hora e meia.

LULA DEU O TOM. O discurso de Lula tornou-se referência obrigatória do Encontro. Em 36 minutos, o presidente nacional do Pt alinhou os principais desafios da esquerda, resumiu suas tarefas imediatas e estratégicas e alertou: "Nunca estivemos tão perto de conquistar o governo de países importantes da América Latina". Para chegar lá, Lula propôs um programa de refor-

mas estruturais, combinado com uma inédita capacidade de conversar e fazer alianças. "Chega de discursar para nós mesmos", afirmou.

Lula ainda disse que a esquerda precisa ter coragem para discutir o papel do Estado e lutar por uma nova ordem econômica mundial que democratize as relações entre países. Depois de condenar o bloqueio norte-americano a Cuba, encerrou com um prognóstico: "Acredito que no próximo encontro já teremos entre nós representantes de governos de esquerda eleitos democraticamente".

Em Havana estavam partidos com grande representatividade, como o PT, o PRD do México, o M-19 da Colômbia, a Frente Ampla do Uru-

guai e a FSLN da Nicarágua, além do hospitaleiro PC de Cuba. Mas também havia quem não é lá muito conhecido. A persistente divisão da esquerda em alguns países é outro fato relevante. Só da Argentina vieram 14 movimentos e partidos políticos. Da República Dominicana, com seus 6,5 milhões de habitantes, foram creditadas dez organizações. Juntos, os dois países formavam um quinto

do encontro. Nas eleições nacionais, quanto representarão?

DIVERSIDADE. Desde o início ficou claro que a análise sobre a crise latino-americana foi o ponto de convergência do Fórum. Os dados, os relatos e os testemunhos pareciam vir de um mesmo país, ainda que os idiomas fossem diferentes. O nó estava nas propostas para superar a crise. O Fórum é uma babel que expressa a realidade de cada partícula do continente. Tem democrata, tem socialista, tem democrata socialista (sic), tem comunista, tem neocomunista, rebeldes humanistas, maduros militantes verdes e até guerrilheiros (sonhadores, todos são). Por isso, a resolução final afirma que o caminho da unidade na diversidade deve considerar uma América Latina mestiça, étnica e culturalmente, "base de nosso potencial para desenvolver uma sociedade soberana, solidária, justa e integrada".

A declaração do encontro tentou resumir e equilibrar as posições, e até que agradou a maioria. Fidel Castro ousou ir mais longe: "É um programa de governo". Alguns torceram o nariz. Afinal, admitir a existência do mercado, apostar em eleições livres e lutar pela democracia não combinava bem com o personagem heróico de Sierra Maestra, nem com al-

guns delegados ali presentes, que brigam apenas para se manterem vivos até o dia seguinte. De qualquer maneira, todos concordam que "é necessário passar da denúncia e da resistência para propostas e ações alternativas concretas".

SOBERANIA. Partindo do reconhecimento do processo de globalização da economia, o documento rechaça a fórmula de "primeiro crescer e depois distribuir" e recomenda a integração continental através de um projeto de desenvolvimento independente e sustentável. O objetivo é estabelecer uma relação soberana com os Estados Unidos e, de quebra, investir na democratização dos organismos internacionais (tipo Conselho de Segurança da ONU), que se tornaram reféns do mundo unipolar liderado por Washington. Este tema, levantado por Cuba, foi a grande unanimidade do encontro.

Se depender da declaração final, o neoliberalismo entrou em declínio. Comparado com a hegemonia que exercia sobre a América Latina no início da década de 90, começa a dar sinais de esgotamento.

A deposição pacífica dos presidentes Fernando Collor, Carlos Andrés Perez, da Venezuela, e Jorge Serrano, da Guatemala, mostra, segundo a reunião, "a vontade de mudança dos povos, na luta contra a corrupção e a atual política econômica". Resta agora enfrentar os desafios eleitorais do período 93-94. Caso as forças democráticas e progressistas vençam as eleições em países como Brasil, Uruguai, México e Colômbia, o esforço de renovação do pensamento da esquerda latino-americana dará sentido à última frase do documento de Havana: "Resueltos estamos a avanzar por nuevos y creativos caminos de lucha y de victoria!"

MARCO PIVA
de Cuba



UMA LOJA PARA QUEM
NÃO TEM MEDO DE SER FELIZ



LOJA CDM-PT-SP

Rua Pedro Taques, 70 - Consolação
São Paulo/SP 01415-010
Fone: (011) 37-6651 - Fax: (011) 258-5761

QTD. PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL	QTD. PRODUTOS	CR\$/UNID.	CR\$/TOTAL
Adesivo Estrela	20.000,00		Estrela Metal Solda (gde)	80.000,00	
Adesivos Diversos	40.000,00		Broche Pingente PT	60.000,00	
Bonê (CUT, PT, Lula Brasil)	200.000,00		Broche Bandeira PT Brasil e Lula	95.000,00	
Brinco Dourado Redondo	100.000,00		Lapela Alfinete Red. (peq)	33.000,00	
Brinco Prateado Redondo	80.000,00		Lapela Alfinete Ret. (peq)	35.000,00	
Broche Dourado Estrela Red. (gde)	75.000,00		Lapela Alfinete Red. Dour. (med)	47.000,00	
Broche Fotográfico 13 anos PT	16.000,00		Camiseta Hering Branca	300.000,00	
Broche Fundação PT e CUT	65.000,00		Camiseta Colorida M. Especial	600.000,00	
Broche Lula (4 modelos)	75.000,00		Camiseta Branca M. Especial	450.000,00	
Broche Lula com Estrela Dourada	80.000,00		Sub-total		
Caneta PT	55.000,00		Desc. %		
Caneta Lula	55.000,00		Total		
Caneta CUT	55.000,00				
Caneta "Sem Medo de Ser Feliz"	60.000,00				
Chaveiro Couro	135.000,00				
Chaveiro Plástico PT, CUT	33.000,00				
Chaveiro Estrela PT	95.000,00				
Chaveiro PT ret.	120.000,00				
Estrela Alumínio	40.000,00				
Estrela Metal Cola (peq)	55.000,00				
Estrela Metal Solda (peq)	60.000,00				
Estrela Metal Solda (med)	65.000,00				
Estrela Metal Cola (gde)	60.000,00				

PREENCHA O CUPOM ABAIXO E MANDE SEU PEDIDO

Nome: _____

End.: _____ nº _____

Apto.: _____ Bairro: _____

Município: _____ Estado: _____

Entidade e/ou Nome do Resp.: _____

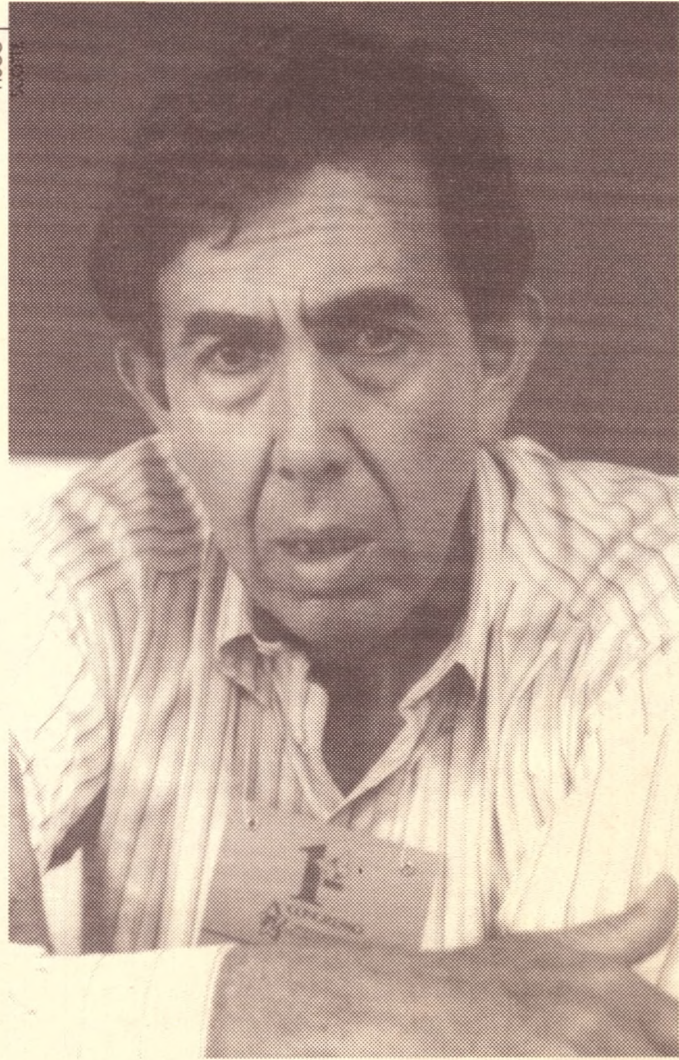
Condições de pagamento à vista

Acima de Cr\$ 4.000.000,00.....20% de desconto

Acima de Cr\$ 8.000.000,00.....25% de desconto

Acima de Cr\$ 20.000.000,00.....30% de desconto

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30/08/93



Apicape "Suburban" desliza suavemente pela estrada sem fim que corta o vale do Mezquital, uma das regiões mais pobres do México. A terra árida e os cactos lembram a caatinga brasileira. Confortavelmente instalado no banco dianteiro, um homem de voz pausada e serena fala dos tempos de fartura do estado de Hidalgo, quando as minas de prata fizeram a fortuna de umas poucas famílias no início do século. Enquanto isso o pulque, bebida extraída de uma planta típica, o "magüey", alimentava as ilusões dos camponeses sem terra. O esgotamento das minas e o eterno problema da seca reduziram o vale a um amontoado de pequenas comunidades dispersas, que vivem da agricultura de subsistência.

Agora esse homem de 58 anos, que nasceu em berço esplêndido e passou parte de sua infância no palácio presidencial Los Pinos, tem a difícil missão de levar aos camponeses uma mensagem de esperança. Talvez a mesma esperança que seu pai, o general Lázaro Cardenas, transformou em realidade ao fazer a reforma agrária durante seu governo, no período de 1934 a 1940. A lei de reforma agrária estava no papel desde a vitória da revolução mexicana, em 1917, mas somente o general teve a ousadia de implantá-la vinte anos depois. Cada camponês recebeu um pedaço de terra de no máximo 100 hectares com a condição de não poder vendê-la, para evitar a volta do latifúndio.

Há pouco tempo, o presidente Carlos Salina de Gortari revogou o artigo 27 que regulamentava a reforma agrária, cortou os subsídios aos pequenos e médios proprietários rurais e liberou a venda das terras. Isso trouxe o pânico aos agricultores, incapazes de enfrentar as investidas do grande capital numa situação de crise econômica.

O "INGENIERO". Após duas horas de viagem, a comitiva de Cuauhtemoc Cardenas é recebida com festa em San Francisco Sacichichilco. Centenas de pessoas saúdam o candidato presidencial do Partido da Revolução Democrática (PRD). Um grupo musical anima o enorme salão, enquanto as poucas mulheres presentes se movimentam freneticamente para preparar o almoço. O mestre de cerimônias não pára de gritar "viva Cardenas, viva México". Muitos abraços e autógrafos depois, alguém lembra que seria importante ouvir o candidato. Tranquilo, o "ingeniero", como é conhecido pela população, garante que vai reintroduzir o artigo 27 na Constituição caso seja eleito. É ovacionado. Nem precisa dizer que também pretende incentivar a produção agrícola através de financiamentos a juros baixos, fornecimento de sementes e fertilizantes e recuperação de estradas.

Os cestos de "tortilla" se multiplicam pelo salão. As mulheres acomodam os pratos na mesa principal e Car-

Cidadão Cardenas

O PRD festeja seu candidato a presidente, que já ganhou uma vez. Mas não levou.



CARLOS DZIB MÉXICO

denas me alerta sobre o excesso de pimenta na comida. Agradeço o aviso e pergunto o que fazer com aquele entusiasmo quase adolescente da multidão caso os resultados da eleição não sejam respeitados, como aconteceu em 1988. Naquele ano, a então Frente da Revolução Democrática ganhou, mas não levou. Uma providencial queda de energia no sistema central de apuração garantiu a vitória de Salinas de Gortari, o candidato oficial. No dia seguinte, mais de 500 mil pessoas se aglomeraram no centro da capital com a firme intenção de invadir o palácio Los Pinos. Exigiam armas e Cardenas lhes deu a garantia de uma transição pacífica.

Agora a frente se transformou em partido nacional. Tem diretórios em praticamente todo o território, governa 90 das cerca de 2.500 cidades e é, indiscutivelmente, a segunda força política do país. Sua presença alcança até mesmo a representativa comunidade mexicana nos Estados Unidos, estimada em 20 milhões de pessoas. Cardenas sabe que a eleição presidencial de 21 de agosto do ano que vem significa a última oportunidade de mudança pacífica num país governado há mais de 70 anos pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI). "Nossa prioridade é terminar com o regime de partido de estado e sinto que hoje o povo está mais preparado para evitar a fraude e exigir que o governo respeite os resultados", afirma.

ABERTURA. Ele insiste cada vez mais na abertura do PRD para a sociedade, através da formação de um amplo movimento de cidadãos em apoio à sua candidatura. A palavra cidadania tornou-se sua obsessão. Fala dela como quem presente que o parto democrático só acontecerá se houver um arrastão demolidor da opinião pública, semelhante ao processo de deposição do ex-presidente Fernando Collor. É sua, por exemplo, a proposta de garantir 50% das indicações para deputados e senadores nas próximas eleições a personalidades e dirigentes da sociedade civil, sem a obrigatoriedade de uma filiação partidária.

Cardenas reconheceu que sua proposta de governo, entregue a uma reduzida equipe de assessores, deverá apresentar uma visão moderna da economia para não aparecer como um dinossauro diante de uma sociedade seduzida há anos pelo estilo de vida americano. Mas ele não quer também fugir da discussão sobre o papel do Estado e da luta pelos direitos sociais dos trabalhadores. Admite alianças com empresários e insiste na reavaliação do Tratado de Livre Comércio (TLC) com os Estados Unidos. "O TLC, tal como está, coloca o nosso país na condição de fornecedor de mão-de-obra barata e abundante, por isso vou buscar um acordo mais favorável que garanta o nosso parque industrial e o nível de emprego." Sua preocupação se expressa no seguinte dado: atualmente, 80% das importações vêm dos Estados Unidos. Como o governo americano subsidia a agricultura, é possível que em dois ou três anos até a "tortilla" passe a ser importada.

Outro ponto não resolvido do tratado é a questão dos imigrantes, que o candidato do PRD prefere chamar de exilados econômicos. Aí vem a dúvida: será que Washington toparia discutir o problema? Prevendo embaraços na assinatura do TLC, Cardenas aposta na diversificação do mercado com ênfase na integração continental. Sonha com uma cidadania latino-americana, sem barreiras ou protecionismos comerciais e com livre trânsito de pessoas, independentemente de sua nacionalidade. Ele diz isso com um sentimento que nega sua serenidade habitual e quase o transforma no irmão contemporâneo de Bolívar e Martí.

O almoço chega ao fim. Comemos torresmo, sopa, carne de cordeiro, fígado de boi e arroz, tudo isso acompanhado de muita pimenta e tequila. É hora de ir. Os camponeses estão felizes com o candidato e a comida, financiada por eles mesmos. Abraçam mais uma vez o "ingeniero" e fazem um amigável corredor para conduzi-lo ao veículo, que parte lentamente, deixando para trás sorrisos e poeira. O som da música vai desaparecendo, enquanto retomamos a estrada sem fim do vale do Mezquital. Quem sabe ela não tem um começo? De longe ainda ouço um último grito de guerra: "Viva Cardenas, viva México".

MARCO PIVA
do México

PRD: UM JEITINHO LATINO

O PRD nasceu em 1988, de uma ruptura da ala nacionalista do PRI que reivindica a tradição radical da revolução mexicana. O PRI havia rejeitado então a presidência de Cardenas e apoiado o "neoliberal" Salinas. O PRD foi formalmente organizado no ano seguinte e cresceu rapidamente. Em ideias e organizações. Mais de 1.500 delegados de 32 estados participaram de seu segundo congresso, realizado em julho, na cidade do México. O programa econômico e a participação das mulheres quase arrastam os debates para as vias de fato. Aliás, o encontro começou "caliente". Em pelo menos três estados não houve acordo entre as correntes, todas acabaram enviando delegados, e é claro que uma sentia-se mais representativa que a outra. Pepinagem para a comissão organizadora. Uma solução conciliadora colocou a maioria no plenário e resolveu o impasse.

A unanimidade em torno da candidatura de Cuauhtemoc Cardenas à presidência da República não conseguiu esconder a intensa disputa

interna pelo controle do partido. Os quatro candidatos travaram uma guerra eleitoral que expôs algumas feridas que o partido terá de curar até as eleições de 1994. Cada um deles representava fielmente a composição atual do PRD: a esquerda tradicional, a esquerda nacionalista, a esquerda dos pequenos grupos e os nacionalistas que romperam com o PRI. Venceu a última corrente, com quase 60% dos votos.

O congresso teve de tudo, de barraquinhas de comida e material partidário até cenas hilariantes. Alguns conchavos eram feitos por telefone celular: homens elegantemente vestidos falavam sozinhos, para espanto dos delegados indígenas. Em outro momento, a votação foi suspensa porque o local teve que ser desocupado para a realização de um baile de formatura. Saíram urnas, delegados e cabos eleitorais, entravam damas e cavalheiros em trajes de gala. Enfim, foi uma típica festa política mexicana.

M.P.

O escritor e o sonho

Escrever é uma doma de corpo e alma. Com o gaúcho João Gilberto Noll, 47 anos, considerado unanimemente uma das revelações da literatura brasileira recente, a coisa se passa assim. Como escrever numa terra em que se diz que "em se plantando dá" mas se assassinam crianças na calada da noite? Mas ele continua em busca de um humanismo do corpo e da materialidade da vida. É ler para crer.

Harmada conta e encena a vida e a tentativa de obra de um ator, ex-morador de um asilo de mendigos, que vai para a capital (que dá nome ao livro) de um país imaginário e mui latino-americano em busca da fundação de um novo teatro. Sua passagem pelo asilo é uma alegoria da vida neste país - que, imaginário, é o nosso. Sua busca do teatro também - alegoria da busca de significado e de fundação de um sentido para a vida num tempo completamente avesso a esse tipo de empreendimento, tempo de alternância entre miséria e consumismo. Noll retrata temas que lhe são caros - a animalidade do ser humano, sua materialidade irremediável, a presença dos instintos, a busca de contato com a natureza devassada - com a busca de um ideal de fundação. Harmada na verdade é o nome do fundador da cidade-capital, personagem mitológico, contraditório, conquistador desalmado e corajoso homem de ação, que o protagonista busca, enredado nas pequenas contradições das misérias cotidianas.

SIGNIFICADO DE ESCREVER

A petrificação, a mineralização do ser humano é uma das coisas mais brutais entre as que estão pintando no mundo. Eu sinto as pessoas muito pasteurizadas. Eu gosto do escritor que aponta para essa aventura: o que é viver? A gente tem que procurar, fabricar significados. As significações nos faltam nesse momento, e o escritor é um bicho que tem que buscá-las.

GERAÇÃO 68 EM 93

Eu pretendo continuar de alguma forma esperneando nessa escrita. Nessas contradições, nesses mistérios. Eu me recuso a recuar dessa promessa, dessas promessas, nem só de juventude, mas que já povoavam a nossa infância, de ter uma vida emancipatória, de encontrar a verticalidade humana. Não é o caso de reverenciar o que quer que seja. Isso de reverenciar já foi um grande problema pra gente. Essa chama está aí se debatendo, bruxuleando. Não é uma chama santificada nem intacta. E com tudo isso: esse descabro que pintou devido à *débâcle* dos nossos horizontes utópicos. A partir desse quadro histórico vai pintar, pinta uma sensação de insuficiência muito grande, de déficit constante. Déficit de utopia.

MASCULINO E FEMININO

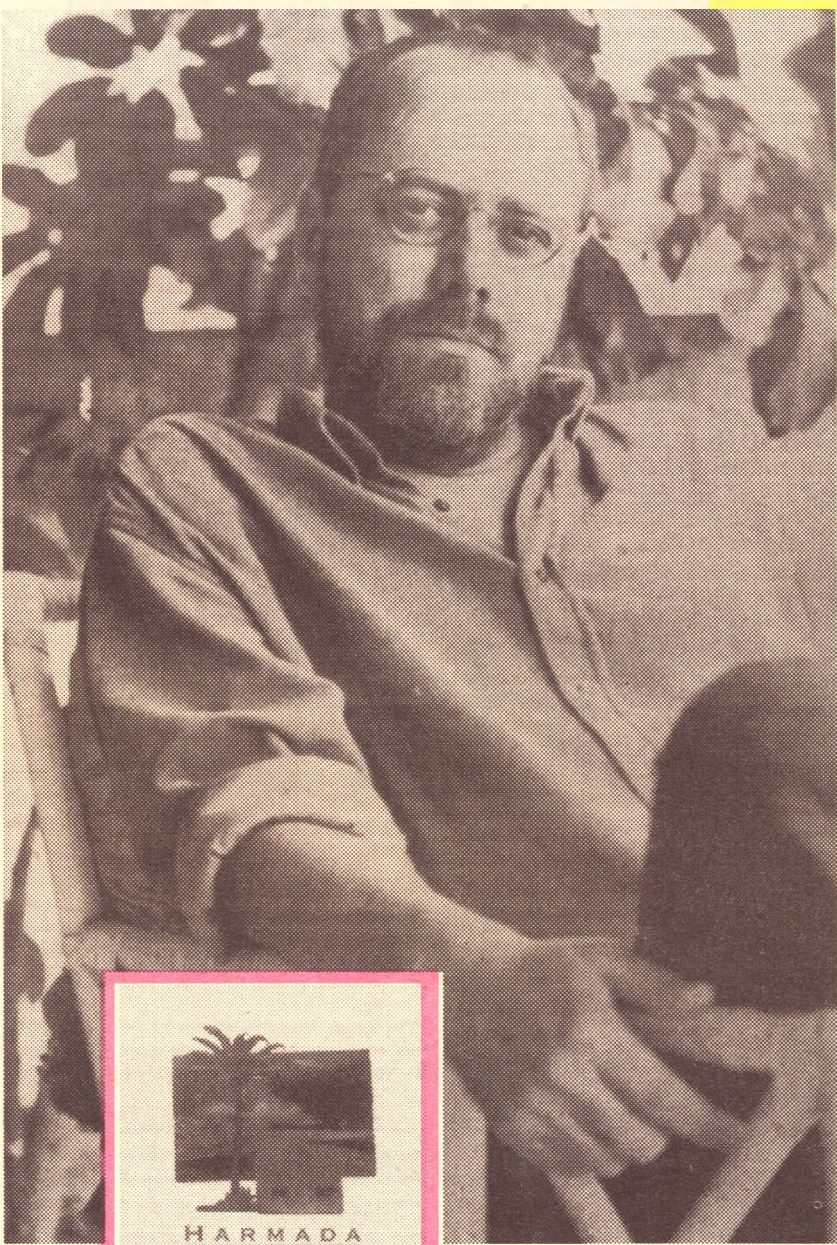
Trabalho agora com personagens masculinos - mais ressecados por natureza. O estilo também tem isso de masculino e feminino. É claro que no sentido mais arquetípico do que de estigma. Acho que eu tenho os dois estilos. Um é o mais úmido e lambuzado - por exemplo, de um livro como *A fúria do corpo*. Não, não, isso não é nem de um estilo feminino não - é na verdade um estilo onde a mulher tem um reinado maior. Mas já a partir de um livro como *Bandoleiros*, de 1985, quando fui para os Estados Unidos, comecei a buscar um estilo mais ressecado, comecei a olhar mais para os personagens masculinos. *Harmada*, esse livro agora, é uma espécie de síntese entre aquela expansão e essa contenção. Não deixo que a fera atordoe muito a leitura.

QUE PAÍS É ESTE?

Me lembro que quando irrompeu durante a escrita esse nome, *Harmada*, eu o encarei com um olhar muito positivo, pelas ressonâncias latino-americanas. É uma coisa até mais ampla do que só o Brasil. *Harmada* tem uma coisa um pouco hispânica. Que país é este? É um país paralisado, paralisado, paralisado. É um país paralisado. É como o asilo de mendigos que está no próprio livro. E o protagonista sente que para superar aquela condição do asilo ele vai ter que se religar a uma dimensão teatral, a uma dimensão até religiosa da arte - coisa que aliás eu tenho comigo, essa dimensão. Uma arte para transformar. A gente tem que voltar a dizer isso: uma arte para transformar. Agora, o que é essa transformação? É para mexer diretamente na realidade empírica? Não é bem isso. Para isso existem outras ordens de interferência no real. A ciência tem um papel mais direto nisso. Na arte, é abrir uma fresta para a fabulação, para a criação de novas maneiras de estar no mundo. O artista tem a função de se exercitar, de se aquecer para esse sonho.

REFERÊNCIAS

Eu já nem estou invejando tanto o Maiakovski e o Walt Whitman, que são dois gigantes por terem vivido em sociedades onde havia projeto histórico, independentemente de para onde os projetos caminharam. Havia uma epopéia possível. E eles leram essa epopéia. Mas não adianta se lamuriar. Os deuses não nos deram essa possibilidade. Vivemos em outro mundo. A partir disso, dessa consciência, o que fazer? Bem, eu acho que não se pode escrever para referendar um universo ideológico já dado. Escrever é um ato de aventura, libertário. Tem que um pouco sair pra coisa sem saber onde vai chegar. Isso chega a ser uma investigação dolorida. Ela tem um forte cunho existencial. O que eu acho importante no artista nesse momento é esse engajamento existencial. Se ele se



EDITORA ROCCO

João Gilberto Noll lançou dia 5, em Porto Alegre, e lança dia 18, em São Paulo, seu último livro:

Harmada, uma literatura carregada de alegoria, uma reflexão sobre a existência neste nosso continente perdido - Brasil, América Latina (Cia. das Letras).

da criação eu nem tivesse consciência disso. Mas acho que ao lado desse desejo de se confrontar com o humano quando esse confronto te exigir - ao mesmo tempo é preciso dar um tempo para esse vagar, esse errar - até para ver onde se pode chegar.

PÉ NA ÁGUA, PÉ NA TERRA

Mas eu não escrevo para restabelecer nenhuma ordem mitológica, que, aliás, está sendo muito problematizada hoje. Deixei no livro tudo em aberto, sem solenidade nenhuma. O protagonista no fim encontra Pedro Harmada - o fundador da cidade - mas esse Pedro Harmada pode até ser só um ator. Fica em aberto. Você vê: numa madrugada passaram alguns policiais pela Candelária e mataram crianças. Não há mais qualquer espaço para grandiloquências. Mas acho que se pode pensar nessa materialidade, sabe, pôr o pé na água, aparentemente um gesto simples, tirar o sapato, pôr o pé descalço na terra, isso pode ser reanimador. Sabe, não é nenhuma receita, não se trata de fazer o elogio de um Brasil bucólico. Isso é uma metáfora. Trata-se de se reumanizar não perdendo de vista a nossa materialidade. Os horizontes já foram muito intoxicados e poluídos por vãs teias espiritualistas, abstracionistas. Nós vivemos muitíssimo de abstrações. Sabe, afundar no presente, não ficar empurrando tudo com a barriga para um horizonte utópico. A gente tem obrigação de ser um pouco mais feliz. A felicidade talvez seja mais uma dessas abstrações. Mas a gente tem obrigação disso. Agora, projetar, projetar para além do instante, continua sendo humano, e inextirpável. Eu diria até: Hosanna!

Entrevista a Flávio Aguiar

engajar plenamente com os arcanos, as fontes existenciais, ele, o artista, só pode combater o bom combate, humanisticamente falando.

ARTE E SOLIDÃO

Vinga, no caminho, um sentimento de solidão. De um lado, há o esvaziamento dos projetos vanguardistas. De outro, dos projetos de engajamento. Houve um esvaziamento da dimensão programática da arte. A arte aparece como uma voragem. Isso me aparece através das imagens daqueles pintores que jogam a sua pincelada na tela. O escritor projeta - depois vem o trabalho da escavação dos significados, *a posteriori*. No meu trabalho houve até uma certa fascinação - que hoje está sendo superada - por aquele tipo de personagem-herói do faroeste, sabe, aquele tipo que faz o seu trabalho e depois se vai com seu cavalo para a linha do horizonte: se manda. Mas também há uma dimensão solidária: eu não escrevo para justificar a avareza humana. Acho que estou fazendo uma denúncia - mesmo que no momento



BRASIL
AGORA

